



**Empresa Brasil
de Comunicação**

Relatório da Ouvidoria

Fevereiro

2016

Ouvidora-geral

Josefi Marques

Ouvidores-adjuntos

David Silberstein

Márcio Bueno

Tiago Severino

Atendimento

Ana Cristina Santos

Daniel Teixeira

José Luiz Matos

Sheila Lima

Monitoramento e Gestão da Informação

Carlos Genildo

Gabriela Chaves

Jamily Souza

Tiago Martins

Apoio à comunicação

Wêdson França

Secretária

Edna Mamédio

Estagiários

Jéssica de Brito

Raimundo Lourenço

Sumário

Apresentação	5
Análise de conteúdo	
TV Brasil	
Carnaval: os pontos altos e baixos na cobertura da festa	7
Na TV Brasil, uma narrativa que ficaria mais adequada à NBR	9
Visual: a notícia com acessibilidade	10
Brichos: desenho critica comunidade evangélica	11
Repórter Brasil: quatro problemas em uma matéria	12
Agência Brasil e Portal EBC	
Uma matéria com erros além do que a leitora percebeu	14
Por que estamos falando nisso? A repercussão do fato que não virou notícia.....	14
Os principais aspectos da cobertura do carnaval	16
Uma fronteira entre agências	18
A cobertura da polêmica sobre as indicações para o Oscar	19
Sistema de Rádios	
A cobertura do Dia Nacional Contra o Zika	21
Rádio MEC AM interrompe programação	22
Rádio faz chamada para programa que não existe	23
Músicas, autores e intérpretes não identificados	23
Enchendo o tempo do ouvinte	24
É preciso cuidado com a seleção musical	24
Ouvidoria nos veículos da EBC	
Programas da Ouvidoria.....	27
Colunas da Ouvidoria.....	27
Manifestações do público	
TV Brasil	30

Agência Brasil e Portal EBC.....	33
Sistema de Rádios.....	37
Processos pendentes.....	41
Estatísticas de atendimento.....	44
Serviço de Informação ao Cidadão - SIC.....	51

Apresentação

O Relatório da Ouvidoria do mês de fevereiro traz uma boa notícia: a cobertura do Carnaval, para além do que a medição dos índices de audiência pode verificar, foi uma demonstração de competência, propiciados pela união dos esforços de cada um dos profissionais envolvidos nas transmissões. Os poucos deslizes observados – afinal, este é um relatório de Ouvidoria – não desmerecem o resultado, que ajuda a mostrar às audiências a relevância e a qualidade dos veículos públicos.

Na TV Brasil, o principal aspecto observado foi o tratamento oficialista na cobertura do Dia Nacional de Mobilização contra o Zika, em 13 de fevereiro. O formato das reportagens em nada se diferencia das abordagens típicas da comunicação governamental ou da assessoria de imprensa de um órgão público. Outro problema analisado neste relatório é o caráter preconceituoso contra a comunidade evangélica no episódio "O Profeta", do desenho Brichos. Uma telespectadora entrou em contato com a Ouvidoria para reclamar do modo estereotipado como os pastores neopentecostais foram caracterizados no programa infantil.

No sistema de rádios, assim como na TV Brasil, o jornalismo fez uma cobertura oficialista do Dia Nacional contra o Zika, colocando em primeiro plano as autoridades e não as formas de enfrentar o problema. Programa da Rádio Nacional da Amazônia apresenta músicas de cunho sexista, de desrespeito às mulheres, exatamente às vésperas do Dia Internacional da Mulher. Entre outros desajustes, a MEC AM veiculou chamada para o programa Roda de Choro, já fora do ar havia duas semanas.

Na Agência Brasil, as análises apontaram erros na compreensão de material das fontes que prejudicam a veracidade da notícia. A prática de repercutir assuntos que não foram noticiados pela agência ainda persiste. Na cobertura da polêmica em torno da ausência de atores negros entre os indicados para a premiação do Oscar, um erro na leitura de um estudo sobre diversidade racial nos Estados Unidos. A Ouvidoria também acompanhou a cobertura do Carnaval pela Agência Brasil.

No mês de fevereiro, a Ouvidoria recebeu um total de 774 manifestações divididas entre os diversos veículos, com 16 delas referentes ao Serviço de Informação ao Cidadão-SIC.

Análise de conteúdo

TV Brasil

Carnaval: os pontos altos e baixos na cobertura da festa

Com o título “Carnavais do Brasil”, a TV Brasil fez uma extensa cobertura da principal festa popular do país. A transmissão começou na quinta-feira, dia 4, com os shows em Salvador, na Bahia. A emissora também exibiu os desfiles do grupo de acesso de São Paulo, Rio de Janeiro e, na semana seguinte, o Desfile das Campeãs.

Para a festa baiana, a TV Brasil e a emissora parceira, a TVE, tiveram uma pauta extensa. Além de veicular a passagem dos trios elétricos pelo circuito, o programa “Carnavais do Brasil” exibiu reportagens sobre o samba, a história do carnaval no nordeste, a mística que envolve os terreiros e a festa, as manifestações da cultura africana que estão presentes na folia, como a capoeira e os instrumentos musicais tradicionais.

Ainda sobre o planejamento da cobertura, os destaques positivos foram o entrosamento da turma de apresentadores e repórteres que se revezaram ao longo da transmissão. A todo o instante os jornalistas também incentivavam o público a participar via redes sociais ou whatsapp. Eles também enfatizaram a parceria da transmissão, entre TVE, TV Brasil e a veiculação da festa também pela TV Brasil Internacional, para 65 países, sendo 40 do continente africano.

A veiculação da festa de Salvador aproximou a emissora com gêneros musicais e cantores mais populares. O telespectador pode acompanhar as apresentações de Ivete Sangalo, Carla Visi, Saulo, Cheiro de Amor e outros artistas que fazem parte do universo do axé music. Como a cobertura não ficou restrita a área dos trios elétricos e nem aos cantores da indústria, quem viu o carnaval pela TV Brasil também pode assistir às apresentações das Ganhadeiras de Itapuã e Zezé Mota, os blocos afros – Bankoma, Filhos de Gandhi e o Ileaiê.

A transmissão ainda contou com a participação de estudiosos e militantes do movimento afro que falaram sobre a história e a importância desses blocos. Além da festa e da diversão que o carnaval proporciona, o público também ouviu comentários sobre a necessidade de afirmação da mulher negra, sobre a luta contra o racismo e a favor da tolerância religiosa.

A veiculação do carnaval de Salvador se insere em um dos fundamentos da radiodifusão pública, a diversidade. Apesar de ser uma festa de massa e com forte presença da indústria dos mais diversos segmentos, a valorização da cultura afro-brasileira e os discursos em prol da igualdade e tolerância estiverem presentes.

Se por um lado, o atendimento ao princípio da diversidade foi um ponto a favor da transmissão de Salvador, o proselitismo a favor do governo da Bahia manchou a cobertura. Na noite de quinta, a passagem de uma jornalista em uma reportagem sobre a quantidade de pessoas na rua destacou: “a iniciativa de presentear o público com o carnaval sem corda foi do governo do

Estado. E o sucesso foi tão grande que o difícil está sendo conseguir um lugar no meio da multidão". Em seguida, foi ao ar uma sonora do secretário de Educação que enfatizou que "essa atitude do governador Rui é uma atitude que olha para a população".

O tom do discurso foi de promoção pessoal do governador da Bahia. Duas horas depois que essa reportagem foi veiculada, o programa exibiu a apresentação de Ivete Sangalo no trio elétrico. O programa já havia mostrado trechos da passagem dela pelo circuito. Dessa vez, foi ao ar especificamente um pedaço em que ela cumprimenta o governador, agradece por estar naquela apresentação e ainda faz uma brincadeira com ele: "lançando crossfit, Rui". Um comentário da cantora com o jeito de dançar do governador. Nessa oportunidade, as imagens não mostraram a alegria carnavalesca do governador.

No dia 8, no período da tarde, o telespectador pode ver como o governador dança. As imagens mostraram o governador dançando em um camarote ao lado de outras pessoas. Ao observar com atenção, percebe-se que é o mesmo local onde estava a equipe da TVE e da TV Brasil. Ao lado do governador, uma jornalista com um microfone da TVE dançava alegremente e, no cantinho da tela, uma das apresentadoras sorria e fazia uma dancinha mais discreta.

Em um período de aproximadamente cinco minutos, o chefe do Executivo baiano apareceu nove vezes, enquanto dançava. As imagens mostravam, em sequência, Ivete em cima do trio, o público na parte de baixo e, em seguida, o governador no camarote.

O pior ainda estava para vir. Depois que o trio passou, o governador foi entrevistado pela dupla de apresentadoras com perguntas vazias, sem conteúdo e com o nítido interesse em dar espaço para que ele pudesse falar à vontade. As perguntas foram as seguintes: "a gente percebe o aumento da presença do folião sem abadá. Essa tem sido uma preocupação crescente?", "como viabilizar, inclusive financeiramente grandes atrações como Bell Marques (...) e a Ivete Sangalo?", "esse é o segundo ano do senhor no governo do Estado, eu queria que o senhor falasse o que está achando do carnaval?", "e se a gente falar de origem, a gente vai lá para o Pelourinho, e esse ano tem surpreendido; muita gente tem comentado como está lindo o Pelourinho, uma programação que tem atraído os mais novos e os mais velhos. É muito bonito de ver, né!?". Talvez, a única questão com alguma relevância, mas ainda assim com caráter promocional, foi sobre o edital que apoia entidades culturais: "o senhor falou do projeto Ouro Negro – 94 entidades afro que são patrocinadas pelo governo, no carnaval de Salvador. A gente queria que o senhor explicasse para a gente como funciona? Como funciona essa seleção?". E para terminar, o governador e as apresentadoras fizeram uma dancinha ao final da conversa.

Em relação aos desfiles do Rio de Janeiro e de São Paulo, a Ouvidoria recebeu diversas manifestações do público. Das 367 mensagens encaminhadas pelos telespectadores à TV Brasil, 138 referiam-se ao carnaval. A maior quantidade (45) foi de elogios. O Desfile das Campeãs, que teve resultados positivos na audiência, também foi bastante comentado pelo público. Os detalhes sobre as manifestações podem ser conferidos na página 30, deste relatório.

Em São Paulo, o desfile transcorreu satisfatoriamente. Tudo funcionou. Foi possível ouvir com precisão o samba-enredo e a bateria. Os comentários complementaram o que estava na tela. Não houve excessos. As falas dos convidados da TV Brasil foram para explicar detalhes de roupas, alegorias e das músicas. Durante o desfile da Mocidade Alegre, a consistência dos comen-

taristas ficou evidente. A temática da escola era “a morada do samba”, que falou sobre as raízes antigas desse estilo musical. Com muita propriedade, os participantes da cobertura da emissora falaram sobre a história dos orixás e da própria África. Informações e opiniões que vão além do simples “gostei” e “não gostei” que ocorre, em geral, em algumas coberturas carnavalescas. Outro destaque positivo foi a desenvoltura do time de repórteres que fez o trabalho de pista, entrevistando integrantes das escolas.

No Rio de Janeiro, a qualidade da cobertura mereceu referências elogiosas na [Coluna da Ouvidoria](#). O texto afirma que a cobertura foi feita da maneira modesta e básica. Mas foi justamente a simplicidade que surpreendeu a plateia – todos puderam ver o desfile como se estivessem lá. Os mesmos aspectos positivos observados em São Paulo podem ser aplicados também ao Rio de Janeiro.

No entanto, a programação não soube aproveitar a provável audiência das transmissões do carnaval, nas três localidades, para atrair o público, através de chamadas, para outros programas de qualidade na grade da TV Brasil.

Na TV Brasil, uma narrativa que ficaria mais adequada à NBR

No dia 13 de fevereiro, a TV Brasil noticiou a ação do governo federal no Dia Nacional de Mobilização Contra o Zika. A cobertura se resumiu a mostrar a atuação dos ministros e de outras autoridades políticas. Nada muito diferente do que faz a comunicação governamental ou a assessoria de imprensa de um órgão público. O assunto e a mobilização sem dúvida eram notícia, mas o foco excessivo nas autoridades fez com que a cobertura parecesse propaganda do tipo eleitoral.

Ao longo da programação, foram ao ar boletins que mostraram as ações do dia. O tom oficial já estava presente desde o texto de abertura desses informativos: “hoje é o dia nacional de mobilização Zika Zero. Mais de 200 mil militares estão nas ruas de todo o país conscientizando a população sobre como combater o mosquito”.

No primeiro boletim, apesar de informar que as ações seriam realizadas em 350 municípios, o destaque foi para a entrevista concedida pelo ministro da Defesa, Aldo Rebelo. A presença de representantes do governo federal foi plano constante durante a cobertura. No segundo boletim, a ênfase foi na visita que Dilma Rousseff fez ao Rio de Janeiro: “A presidenta também participa da ação. Ela chegou há pouco na Comunidade Zeppelin, em Santa Cruz, região oeste do Rio de Janeiro. Junto com o prefeito Eduardo Paes e o governador Luiz Fernando Pezão. Dilma está indo às casas para conversar com os moradores e explicar como combater o mosquito. Ela entregou panfletos e mostrou como evitar os criadouros do mosquito. Para lembrar, mais de 200 mil militares estão nas ruas e municípios de todo país, neste Dia Nacional de Mobilização Zika Zero. Além da presidenta, estão nas ruas o vice-presidente, Michel Temer, e todos os ministros participam da ação. Um em cada estado e no Distrito Federal”.

Enquanto a apresentadora lia essa nota, as imagens mostravam Dilma caminhando pelas ruas, em outro momento ela beijou uma criança, posou para uma foto ao lado de moradores e fez gestos de ordem para apontar lugares onde poderia haver focos do mosquito. Imagens que em nada diferem daquelas veiculadas durante uma propaganda eleitoral. Não havia qualquer valor

de informação. Mas simplesmente a insistência em mostrar que o governo está mobilizado contra o Zika.

No terceiro boletim, novamente, a ênfase na visita de Dilma, como já havia sido mostrado anteriormente. Nada de novo foi ao ar. O relato oficialista era semelhante: “a presidenta Dilma também participou desse dia. Ela visitou a comunidade Zeppelin, em Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Cumprimentou moradores, entregou panfletos e mostrou como evitar os criadouros do mosquito. Depois disso, a presidenta falou das ações de combate ao Zika”. Em seguida, foi exibido um trecho da entrevista coletiva concedida pela presidenta. A sonora de Dilma teve cerca de dois minutos, um tempo excessivo para esse tipo de reportagem e para o que havia a ser dito.

O terceiro boletim foi o mais jornalístico. A reportagem mostrou como foi a ação em Brazlândia, no Distrito Federal, e entrevistou um morador que falou como faz para evitar a proliferação do mosquito. A matéria chegou até a citar a presença de Alexandre Tombini, presidente do Banco Central. No entanto, a referência foi de forma discreta.

A cobertura aproximou-se mais de publicidade governamental no boletim seguinte. Até então, os programetes iam ao ar de hora em hora, durante os intervalos, com vinheta, e tinham uma apresentadora – da maneira como um informativo exige. No entanto, dessa vez, a cobertura da “mobilização” foi ao ar cerca de 10 minutos após o boletim anterior. Não houve vinheta. A TV Brasil cortou de forma repentina a programação. O motivo da urgência: uma videoconferência entre Dilma e o ministro do Esporte, George Hilton, que estava no Mato Grosso. Nenhuma informação relevante foi apresentada. Pareceu muito mais uma conversa entre amigos do que uma ação política. O tom do bate papo foi de que o Mato Grosso é medalha de ouro no combate ao mosquito, e outras coisas do gênero.

Por que cortar a programação da TV Brasil para exibir uma videoconferência? O que estava na tela era um conteúdo que se assemelha às coberturas realizadas pela televisão governamental, que tem a finalidade de mostrar as ações do Poder Executivo.

Outros dois boletins foram ao ar nos horários seguintes. O relato era idêntico: autoridades políticas que estavam empenhadas em averiguar locais onde poderia haver a proliferação do mosquito e conscientizar a população.

E para fechar o dia, a cobertura do assunto no Repórter Brasil ocupou o primeiro bloco e parte do segundo. As matérias deram um panorama de como foi a ação em algumas capitais. Embora o personagem principal da reportagem fosse o cidadão e o Zika, mesmo citando que o evento era de mobilização contra o Zika, os principais personagens foram os detentores de cargos públicos. O cidadão pouco apareceu na cobertura da TV Brasil. A maioria era, principalmente, membros do governo federal. No rádio, a cobertura também seguiu parâmetros semelhantes: veja na página 21.

[Visual: a notícia com acessibilidade](#)

A Ouvidoria acompanhou as edições do programa Visual no período de 15 a 19 de fevereiro. Como o site informa, o Visual apresenta “reportagens sobre a inclusão do surdo, assuntos de seu universo; notícias principais do Brasil e do Mundo traduzidos para a Língua Brasileira de Sinais”. No período observado, faltaram reportagens com temáticas próprias ao cotidiano dos

surdos, como informações sobre políticas públicas de acessibilidade, eventos culturais etc.

Os quadros que ensinam expressões em libras são interessantes e bem didáticos. Qualquer telespectador, mesmo aqueles que não conhecem em profundidade a linguagem dos sinais, pode aprender expressões básicas. Outro destaque positivo do Visual é o entrosamento dos apresentadores. Três profissionais cumprem essa função, sendo que dois também fazem a tradução simultânea, em libras, dos textos das reportagens. A apresentação do programa acontece de maneira organizada e sem atropelos.

No programa do dia 15, no entanto, uma matéria sobre *bullying* expôs um menino de maneira indevida. A proposta era mostrar a iniciativa de um projeto que orienta crianças a evitarem situações agressivas contra quem tem problemas na fala. Depois de mostrar o trabalho de orientação, a reportagem usou um garoto que assistiu à palestra como um exemplo de alguém que praticava bullying. A matéria afirmou: “[nome do garoto] aprendeu a lição e agora vai ter uma atitude diferente com os colegas”. Em seguida, o garoto disse na sonora que “tem um menino perto de casa e eu xingo ele”. E o repórter interpelou: “e agora você não vai mais xingar?”. Por fim, o garoto afirmou que não vai voltar a tomar essa atitude.

Não é conveniente expor as crianças e seus erros dessa forma. O jornalista não tem como saber o nível de agressividade do garoto. Talvez, o que o menino tenha feito seja um brincadeira ingênua, mas também pode ser um caso que necessite de um tipo de acompanhamento especializado. Além disso, ao apresentar o garoto dessa forma, ele fica marcado para o público como uma espécie de “stalker”, um perseguidor agressivo.

As outras matérias da semana foram bem produzidas e trataram os assuntos de maneira contextualizada, com equilíbrio e de forma clara. Entre elas está a reportagem que tratou, no dia 17, da venda de telas, repelentes e velas devido o medo dos moradores de contrair dengue e outras doenças. A matéria não se prendeu apenas aos números. Com a participação de especialistas, foi feito o alerta sobre o risco do uso exagerado de produtos químicos, transmitindo a mensagem de que a melhor estratégia continua sendo eliminar as larvas do mosquito.

Outro problema é que, na página do programa na internet, os vídeos são carregados com atraso. A galeria de fotos também está desatualizada, com imagens antigas. A seção Blog, que poderia ser mais um canal de difusão de notícias e informações para a comunidade surda, não tem nada. O número de telefone informado durante o programa não está disponível no site. Há apenas o e-mail da produção no final da seção “Sobre”.

[Brichos: desenho critica comunidade evangélica](#)

A telespectadora Miriam Tomázio (Processo 439-TB-2016) entrou em contato com a Ouvidoria para reclamar do desenho Brichos, exibido na tarde do dia 15/2. Ela conta que assistiu ao programa ao lado da filha de quatro anos e ficou indignada com a maneira que a comunidade evangélica foi retratada. “Gente isso não é ensinar a criança sobre tolerância, mais sim zombar da fé dos outros. Sou evangélica e me senti envergonhada diante de minha filha do jeito que foi mostrada a nossa religião. Por que não um padre, um espírita ou sei lá quem? Mas sabe de uma coisa, ninguém merece ver isso, pois todos merecem respeito”, comentou.

Miriam se referia ao episódio intitulado "O Profeta", da série Brichos de desenhos infantis. A história mostra a chegada à vila do líder religioso Léo do Céu. Apesar de não citar um segmento religioso específico, Léo é caracterizado como um leão que tem o perfil de um pastor evangélico neopentecostal. Essa leitura fica evidente no modo de falar e nos trejeitos. Léo expulsa demônios e fala sobre prosperidade terrena e divina.

O enredo do desenho é a alienação das pessoas. Com um discurso forte, Léo praticamente hipnotiza a pequena vila. Seus cultos ficam lotados, todos gritam "aleluia" e seguem as orientações dele.

Em dado momento, uma personagem é presa por praticar uma religião diferente da pregada por Léo. O discurso do "líder religioso" transita entre a incitação ao medo, promessas de milagres e cobranças abusivas de dízimo.

O desenho ainda assume uma postura maniqueísta ao estabelecer o que é a boa e a má prática religiosa. Preocupados com o aumento do poder de Léo, um grupo de animais promove uma reunião com diversos líderes religiosos sobre a alienação da comunidade. Na mesa, ao lado de representantes de outras religiões, está um padre que faz, de forma calma e tranquila, um discurso sobre liberdade religiosa. No entanto, um líder evangélico não está caracterizado de modo aparente nessa cena.

No final da história, os animais colocam uma câmera oculta na roupa de Léo e descobrem que ele quer arrecadar o máximo de dinheiro para ser candidato a prefeito. Uma crítica indireta aos pastores que ocupam cargo eletivo.

O desenho reforça estereótipos ao atacar diretamente um segmento religioso. Valores fundamentais dos neopentecostais, como o dízimo, são retratados de maneira caricatural. A comunidade evangélica é mostrada para as crianças como um grupo de fanáticos liderado por um sujeito sem escrúpulos.

De forma geral, o episódio de Léo do Céu representa uma contradição no discurso de combate à intolerância religiosa, tão caro aos veículos da EBC. E esse não é um bom papel para a comunicação pública.

Repórter Brasil: quatro problemas em uma matéria

O Repórter Brasil Tarde, edição de 29/2, exibiu uma reportagem sobre uma pesquisa do Sebrae que revela que, apesar de a maioria dos empreendedores no Brasil ser constituída de negros, o faturamento deles é menor do que dos empreendedores brancos.

A matéria tem quatro problemas: os dados da pesquisa são velhos; há um merchandising explícito; os personagens não representam o que se pretende exemplificar; e uma questão básica da pauta não foi respondida.

Os dados apresentados pela matéria foram publicados pelo Sebrae em abril de 2015, quase um ano atrás. A pesquisa foi notícia em diversos veículos. Na Agência Sebrae, em 6/4, o título foi [Negros já são maioria entre empreendedores](#). Na mesma data, a Revista Fórum publicou [Pela primeira vez, negros são maioria dos empreendedores no Brasil](#). O G1 também tratou do assunto em [Negros são metade dos empreendedores brasileiros](#).

Na TV Brasil, a primeira parte da matéria tinha um nítido merchandising. Um casal de empresários, personagem da reportagem, foi apresentado com um texto que pouco difere de uma narrativa publicitária: "O diferencial do Café Épico, no bairro da Lapa, no centro do Rio, é o grão. De tamanho uniforme, torrado por igual e moído na hora, produz uma infusão com toque artesanal que atrai a clientela".

Em seguida, ainda em um tom comercial, a sonora de um cliente enfatizou as vantagens em consumir os produtos da cafeteria. "Compro e levo para casa, porque eu já não compro mais café no supermercado. Eu só compro café daqui", disse o entrevistado. Um dos proprietários também deu um depoimento que reforçou o caráter promocional da reportagem. Ele destacou os motivos que o levaram a investir na torrefação de café.

Somente depois desse "nariz de cera" comercial é que a reportagem tentou entrar na pauta. A outra proprietária da cafeteria comentou que procura contratar negros "para dar a eles oportunidades". Na verdade, o assunto em discussão era a iniciativa da população negra de empreender e ter um negócio próprio. Em vez de falar sobre isso, a reportagem usou os personagens como exemplos de empresários que adotam "uma política de afirmação racial nos negócios", como o próprio texto da matéria informou. Por isso, os personagens não refletem o assunto da pauta. A única informação da empresária da cafeteria que se aproximou um pouco do assunto foi o relato da participação em um curso de empreendedorismo. Ela contou que dos 30 alunos, apenas 10 eram negros. A informação apareceu na reportagem de modo quase incidental e não contribuiu para a pauta.

Em seguida, a reportagem listou os dados do levantamento do Sebrae. A matéria não avançou na pesquisa. O que veio depois foi a apresentação de um aplicativo que tem produtos e serviços oferecidos por empresários negros. A matéria, inclusive, entrevistou um advogado para contrapor as críticas que o software recebeu por supostamente promover a discriminação racial. A grande questão que a pesquisa do Sebrae apresenta não foi respondida ou sequer tratada na reportagem da TV Brasil: por que, mesmo sendo maioria, os empreendedores negros ganham menos do que empreendedores brancos?

Agência Brasil e Portal EBC

Uma matéria com erros além do que a leitora percebeu

Carolina Mainardes (Processo 33-AB-2016): *"Na matéria intitulada 'Balanco da CGU revela desvios de R\$ 2 bilhões da merenda escolar', no trecho 'A CGU citou, como exemplo, cinco municípios que, juntos, tiveram um prejuízo estimado em R\$ 380 milhões, no período.' O que vem a seguir não são os nomes dos municípios, mas sim os nomes das operações da Polícia Federal nos estados. Vale uma correção ou errata".*

Resposta da Suadi: *"A CGU constatou que houve irregularidades em 199 municípios e citou cinco operações feitas em conjunto com a Polícia Federal, pelas quais se registrou um desvio de R\$ 380 milhões. A matéria está correta. Agradecemos a leitura e sua contribuição".*

Instigada pela demanda, a Ouvidoria analisou a matéria e constatou problemas que a leitora não viu e que são graves:

1. As cinco operações especiais que foram citadas na matéria revelaram desvios de R\$ 380 milhões, mas estes desvios não foram exclusivamente em programas educacionais, como consta no texto da Agência. As informações disponíveis no site da CGU registram que em duas dessas operações – Sermão aos Peixes (MA) e Fidúcia (PR) – todas as verbas desviadas foram da área da saúde (R\$ 184 milhões, ou seja, quase a metade do total apurado), sem nenhum centavo na educação. Em apenas uma das cinco operações – Carona (PE), onde foi descoberto um desvio de R\$ 50 milhões – todo o valor foi, de fato, nos programas citados na matéria: merenda escolar e transporte escolar. Nas outras duas operações, Infecto (BA) e Cauxi (AM), os desvios aconteceram em programas educacionais e em outras áreas, tais como saúde, coleta de lixo, locação de veículos e obras.

2. O único lugar onde aparece a cifra de R\$ de 2 bilhões como o total de verbas desviadas dos programas de merenda e transporte escolar é na matéria da Agência Brasil e nos sites e blogs que a reproduziram. Isto não significa que ela não corresponda à verdade, mas os erros relacionados às cinco operações especiais citadas na reportagem inspiram desconfiança e a informação requer uma apuração ou um respaldo maior para não cometer um desserviço ao público.

Por que estamos falando nisso? A repercussão do fato que não virou notícia

Em matéria publicada em 4/2, a Agência Brasil mais uma vez fez a suíte (acompanhamento) de um assunto do qual não tratou e sequer noticiou. Ao omitir o fato principal ou tratá-lo de forma ligeira, superficial, a Agência subestima seus leitores – ou então considera que foram previamente informados a partir de outros veículos, o que é igualmente ruim.

A notícia-repercussão dada pela Agência, com o título ["Saúde coloca-se à disposição de órgãos internacionais para investigação do Zika"](#), teve como fonte a nota divulgada na mesma data

pelo Ministério da Saúde (MS). Na nota - [Ministério da Saúde reforça cooperação com órgãos internacionais](#) -, a assessoria de imprensa do Ministério destacou vários eventos que evidenciavam a colaboração existente entre entidades brasileiras, estrangeiras e instituições internacionais para avançar os conhecimentos sobre o vírus Zika e desenvolver meios de combatê-lo. Mas, obviamente, a nota oficial não se refere ao fato que provocou a manifestação do ministério.

A Agência, mesmo não tendo noticiado o fato motivador, deveria situar seus leitores, resgatando o assunto em uma espécie de contextualização ou memória. No entanto, preferiu citar o caso de forma burocrática e superficial, iniciando o texto de maneira inadequada, como apenas conviria a um porta-voz: “Em resposta a afirmações segundo as quais, por causa da burocracia, o Brasil não tem compartilhado dados e amostras suficientes para que outros países investiguem essa relação [a relação do vírus Zika com microcefalia], o ministério destaca (...)”.

As “afirmações” às quais a reportagem se referiu foram declarações divulgadas no mesmo dia em uma matéria produzida por uma equipe de repórteres da agência de notícias Associated Press (AP) - [Health officials want more Zika samples, data from Brazil](#). A matéria da AP teve ampla repercussão internacional e foi reproduzida, em português, por vários veículos da mídia comercial brasileira. Na matéria foram citados 14 especialistas e gestores de instituições brasileiras, estrangeiras e internacionais que atuam na área de pesquisa médica. Dos 14, 11 criticaram as autoridades brasileiras por colocarem obstáculos à colaboração nas investigações sobre o Zika. Apenas três se posicionaram de forma diferente: um especialista da Organização Mundial da Saúde (OMS), que asseverou a não utilidade das amostras brasileiras; a diretora-geral da OMS e o diretor de um instituto nacional dos EUA, que elogiaram a colaboração, em declarações públicas.

Na notícia da Agência Brasil essas afirmações apareceram sem autoria e quase sem teor. A referência não passou de um rápido gancho para divulgar a declaração do Ministério da Saúde. O texto limitou-se a responsabilizar uma “burocracia” não-especificada pela alegada falta de colaboração “do Brasil” com os investigadores de outros países. Ficou igualmente vago a que “Brasil” se referia. Ao governo federal? Às instituições brasileiras de pesquisa médica?

A matéria da AP mostrou que existem, sim, dificuldades para os pesquisadores, fora do Brasil, adquirirem amostras do vírus e que os obstáculos não são meramente burocráticos, como se pode observar no seguinte trecho: “Um grande problema parece ser a legislação brasileira. Neste momento, é tecnicamente ilegal para os pesquisadores e institutos compartilhar material genético de brasileiros, incluindo amostras de sangue contendo zika e outros vírus. ‘É uma questão muito delicada essa partilha de amostras. Advogados precisam ser envolvidos’”, disse Marcos Espinal, diretor de Doenças Transmissíveis do escritório regional da Organização Mundial da Saúde (OMS), em Washington. Em outro trecho, a reportagem citou o presidente da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Paulo Gadelha: “Até que a lei seja implementada, somos legalmente proibidos de enviar amostras para fora. Mesmo quando queremos mandar esse material para o exterior, não podemos, porque é considerado um crime.”

A cobertura na Agência Brasil, ao adotar uma posição oficialista, limitada à apresentação da defesa oferecida na nota divulgada pelo Ministério da Saúde e em declarações feitas no mesmo sentido pelo ministro da Educação, Aloizio Mercadante, deixou de abordar os aspectos mais

importantes do fato e de reconhecer que as relações internacionais não se caracterizam nem por colaboração pura nem por conflito puro, mas por uma combinação dos dois. O próprio ministro Mercadante apontou nessa direção ao afirmar que “o país tem muito conhecimento sobre isso [o vírus Zika] e talvez possa chegar na frente. Estamos buscando parcerias internacionais”. A Agência Brasil, porém, colocou os comentários do ministro como um complemento no final da matéria, em vez de utilizá-los como ponto de partida para uma abordagem mais aprofundada, nesta ou em outra matéria, como uma espécie de “saiba mais” sobre um assunto tão complexo, polêmico e sem dúvida de interesse público.

Os principais aspectos da cobertura do carnaval

Na cobertura do Carnaval de, a Agência Brasil publicou mais de 200 textos e mais de 1.200 imagens. Além de numerosos, os conteúdos foram bastante abrangentes.

As comemorações mais conhecidas em Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, e Recife/Olinda receberam mais atenção, mas a cobertura também incluiu outras capitais: Brasília, Manaus, Fortaleza e Porto Alegre. A programação em duas cidades interioranas – Cabo Frio/RJ e Mariana/MG – também foi mencionada e uma matéria registrou o impacto negativo da crise econômica nas celebrações locais, ao constatar que, diante os constrangimentos orçamentários, o percentual de municípios brasileiros que apoiaram o Carnaval teve uma queda de 56% em 2015 para 32% em 2016.

Muitas matérias focaram os itens costumeiros da programação: os desfiles das escolas de samba no Rio de Janeiro e São Paulo, onde os aspectos mais destacados foram os temas dos desfiles, os homenageados, as apresentações, os julgamentos e as festas dos vencedores; e, em todas as capitais, as participações dos blocos de rua.

A cobertura foi complementada pelo Portal EBC, que produziu conteúdos sobre a história das escolas de samba e com atividades para crianças, além de divulgar conteúdos colaborativos com vídeos que mostraram as festividades em cidades do interior (Ouro Preto e Pitangui em Minas Gerais) e fotos do Carnaval em outros países (Bolívia, Colômbia e vários países europeus).

A visão da Agência Brasil não ficou limitada às manifestações mais conhecidas e que atraem os maiores públicos. Dentre outras formas alternativas de comemorar o Carnaval, as equipes de reportagem produziram matérias sobre o bloco Loucura Suburbana, do Instituto Nise da Silveira no Rio, ligando os festejos às questões sociais do tratamento e da integração dos pacientes com distúrbios mentais; o desfile do Blocolândia, organizado por trabalhadores que lidam com os usuários de drogas na Cracolândia de São Paulo; e a presença em novos espaços dos grupos de Clóvis (ou bate-bolas), que são tradicionais nos Carnavais em alguns subúrbios do Rio. Houve também uma matéria sobre blocos não oficiais que utilizaram as redes sociais para se reunirem de madrugada, o que permite aos integrantes das comunidades LGBT e às outras pessoas que queiram participar em manifestações mais espontâneas fugirem dos trios elétricos, dos patrocínios (que, entre outras coisas, de acordo com a matéria, impõe marcas de cerveja e obriga divulgação nas mídias) e de reações homofóbicas contra os frequentadores.

O patrocínio dos desfiles, que gerou uma polêmica no Carnaval do Rio no ano passado em decorrência do suposto apoio dado por um ditador africano a uma das escolas, foi abordado em

quatro matérias sobre o financiamento das escolas no Rio de Janeiro e São Paulo. Em uma das matérias foi apontada a redução no valor do patrocínio dado pela Petrobras ao Carnaval do Rio este ano. Nas demais matérias os entrevistados testemunharam as medidas tomadas para se adaptar à escassez de verbas. Ao mesmo tempo evidenciou-se a relativa solidez financeira do desfile carioca, que contou com verbas da prefeitura e, principalmente, da Liga Independente das Escolas de Samba (Liesa), com os resultados das vendas de direitos de transmissão, ingressos e CDs.

O tema dos patrocínios ganhou dimensões ainda maiores através de várias matérias sobre as questões de ordem pública e do direito do consumidor que foram levantadas pelas condições e pelas consequências do patrocínio dado por empresas privadas aos blocos de rua no Rio, Brasília e Salvador. No Rio, de acordo com uma matéria, o crescimento vertiginoso da participação popular nos blocos de rua oficiais nos últimos anos foi estimulado pelos patrocínios, com a colocação de carros de som e a venda de produtos, e o tamanho das concentrações chegou ao ponto de provocar medidas judiciais para obrigar seu enquadramento dentro das normas da ordem pública em termos de mobilidade e limpeza urbana, entre outras. Em Brasília, o ponto nevrálgico é a Lei do Silêncio, que foi discutida em uma matéria que apresentou vários pontos de vista e mostrou que esta polêmica se estende a bares e outros estabelecimentos fora da época do Carnaval.

No caso de Salvador, o patrocínio foi de uma fabricante de bebidas, do evento em si, não dos blocos, e a polêmica envolveu a proibição de comercializar cervejas de outras marcas em determinados espaços, o que gerou protestos de ambulantes e foliões. O assunto foi abordado em três matérias que reproduziram as opiniões a favor e contra de ambulantes, foliões, um advogado especialista nos direitos do consumidor, um fiscal da prefeitura e o prefeito. A reportagem incluiu até a contribuição discutível de um folião baiano que, depois de defender a vantagem de poupar os cofres municipais, deslocou o discurso para o nível de uma mesa de bar, ao comentar que “a partir da terceira cerveja, nem distingue mais os sabores”.

Outro ponto polêmico, o assédio às mulheres durante o Carnaval, teve uma cobertura aquém do que seria de se esperar diante da divulgação da campanha #CarnavalSemAssédio na intranet da EBC. Das três matérias sobre o assunto, uma divulgou os resultados de uma pesquisa feita pelo Instituto Data Popular, como contribuição à campanha, mostrando que “a maior parte da visão masculina ainda é machista em relação à participação de mulheres nos festejos de rua”, e outra constatou a estratégia de uma empresa de produtos feministas de aproveitar do Carnaval de Brasília para promover e comercializar seus produtos nas concentrações dos blocos. Apenas uma matéria, sobre a participação do bloco Mulheres Rodadas no Carnaval do Rio, ouviu as opiniões de várias pessoas – 3 mulheres e um homem – a respeito da questão.

A cobertura insuficiente da violência contra as mulheres durante o Carnaval também marcou o tratamento dado pela Agência Brasil à retirada da modelo e socialite Juliana (“Ju”) Isen do Sambódromo do Anhembi. “Ju” ganhou notoriedade depois de “causar” em três manifestações no ano passado na Avenida Paulista, onde ela virou “musa” ao tirar a blusa e cobrir as partes íntimas com adesivos favoráveis ao impeachment da presidenta. Contratada como destaque da escola “Unidos do Peruche”, “Ju” tentou e teve frustrada a sua tentativa de repetir a exibição du-

rante o desfile da escola.

A cobertura da Agência Brasil foi lacônica em relação ao episódio, que ficou registrado apenas como um dos problemas que ocorreram nos desfiles, embora sem tirar o brilho do evento: “No último dia de desfiles do grupo especial no Anhembi, sete escolas se apresentaram: (...). As agremiações abrilhantaram o carnaval paulistano, apesar de problemas com carros alegóricos, tumulto no início do desfile de uma escola e uma mulher que se despiu e foi expulsa”. Mais adiante a matéria acrescentou: “Uma mulher integrante da escola despiu-se e foi retirada da avenida por seguranças”. Além de ser relegada ao anonimato, “Ju”, que foi empurrada e jogada no chão, ficou privada da atenção que a violência da sua expulsão merecia.

Uma fronteira entre agências

Em 25/02, a Agência Brasil reproduziu uma reportagem da agência parceira Lusa com o título “[França questiona decisão da Bélgica de restabelecer controle nas fronteiras](#)”. A matéria, que apresentou o assunto exclusivamente da perspectiva francesa, dá a impressão de que tudo não passa de um mal-entendido entre os governos dos dois países. De acordo com o texto da reportagem:

“Na terça-feira (23), a Bélgica anunciou o restabelecimento provisório de controles na fronteira com a França para impedir eventuais entradas de migrantes que deixem a 'selva' de Calais, um enorme campo situado a cerca de 15 quilômetros do acesso francês ao túnel sob o Canal da Mancha. 'Não fomos avisados', lamentou o ministro francês, garantindo que o governo francês nunca considerou o envio de escavadeiras para o local para dispersar os migrantes. 'A vontade do governo é proceder ao acolhimento dos requerentes do estatuto de refugiado na França', disse Cazaneuve, lembrando que se trata de uma 'operação humanitária'. O ministro insistiu que 'não corresponde à realidade' achar que esta operação pode resultar em um fluxo de migrantes na fronteira belga”.

Para o leitor brasileiro que não esteja acompanhando atentamente a crise dos refugiados na Europa e que não tenha outras fontes de informações para contextualizar as observações do ministro francês, o texto também conduz a mal-entendidos. De onde procede a referência à utilização de escavadeiras “para dispersar os imigrantes”, se o governo francês afirma nunca ter contemplado tal ação? E como uma operação supostamente humanitária poderia resultar em um deslocamento dos refugiados?

Faltaram as informações necessárias para entender as razões da preocupação do governo belga neste caso, que não foi abordado em matérias publicadas anteriormente pela Agência Brasil, a última das quais foi em novembro do ano passado.

Mais adiante na matéria da Agência Brasil, o ministro francês acrescentou outra crítica da decisão do governo belga: “O ministro francês afastou qualquer semelhança com a decisão de Paris, em novembro, de restabelecer os controles na fronteira com a Bélgica, após os atentados terroristas na capital francesa, que causaram 130 mortes”. Para contextualizar esta fala, marcada pela mesma visão unilateral dos comentários anteriores, seria necessário também informar que a Bélgica não é o primeiro país europeu a fechar suas fronteiras para tentar controlar o fluxo de imigrantes. O tratado de Schengen, que permite a livre circulação na Europa, prevê nas suas

regras que um país pode reinstaurar temporariamente o controle fronteiriço em circunstâncias excepcionais de "ameaça grave para a ordem pública ou a segurança interna" e a Bélgica é o sétimo país a adotar esta medida em função da crise dos refugiados.

A situação dos refugiados na Europa é constrangedora e é bastante óbvio o jogo de empurra entre os países europeus, o que dobra a responsabilidade de ouvir diversas fontes e apresentar contrapontos às notícias. No caso da Agência Brasil, é preciso reconhecer que, com raras exceções, a grande maioria de leitores brasileiro não tem o hábito de acompanhar o desenrolar de assuntos internacionais – ou não terá sido estimulado a isso a longo do tempo pela imprensa nacional. Ao contrário de uma agência europeia, que conta com um público que tem interesse natural pelo que ocorre em países vizinhos e no mundo – hábito construído também por uma imprensa que cobre "mundo" como se fosse "cotidiano" – a Agência Brasil, até mesmo por ser pública, deveria se empenhar em oferecer não apenas notícia, mas conhecimento sobre a complexa geopolítica do mundo. Assim o leitor poderia constatar que o que se passa entre os governos dos dois países referidos nessa matéria é mais que um simples mal-entendido.

[A cobertura da polêmica sobre as indicações para o Oscar](#)

A Agência Brasil fez uma pauta da polêmica que se intensificou este ano em torno da ausência de atores e atrizes negros entre os cinco indicados em cada uma das quatro categorias nas quais os protagonistas e coadjuvantes dos filmes são premiados com o Oscar. Este foi o segundo ano em seguida sem a presença de negros nas quatro categorias. De 18 janeiro até a noite da premiação (28/2), 7 matérias foram publicadas sobre esta questão ou com referências a ela. Quatro das 7 matérias foram produzidas pelos correspondentes da Agência Brasil nos EUA e 3 pela parceira Lusa.

- [Spike Lee declara boicote ao Oscar por ausência de negros entre concorrentes](#)
- [Organizadores do Oscar reconhecem que é preciso diversidade racial](#)
- [Obama entra na polêmica sobre a presença de artistas negros no Oscar](#)
- [Cinema e televisão não refletem diversidade nos Estados Unidos, diz pesquisa](#)
- [Grupo protesta contra falta de diversidade na chegada para o Oscar 2016](#)
- [Cerimônia do Oscar começa com piadas sobre falta de diversidade racial](#)
- [DiCaprio recebe prêmio de melhor ator e Spotlight é escolhido melhor filme](#)

O acompanhamento do assunto foi adequado no que diz respeito ao destaque dado aos fatos mais marcantes da polêmica, desde o anúncio de um boicote pelo diretor afro-americano Spike Lee, passando pelos comentários do presidente Barack Obama em uma rodada de entrevistas com âncoras de televisão, até os protestos nos arredores do teatro na noite da cerimônia de premiação e as piadas críticas feitas pelo apresentador, o humorista afro-americano Chris Rock. A cobertura das declarações da presidente da Academia, Cheryl Boone Isaacs, em uma das matérias produzidas pela Lusa incluiu informações importantes sobre a composição da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, cujos membros são responsáveis tanto pelas indicações quanto pela escolha dos vencedores. Faltou apenas ter mencionado que a presidente da Academia também é afro-americana.

A reportagem também cometeu um erro bastante grave na reprodução dos resultados de um estudo citado em uma das matérias. O estudo, realizado pela Faculdade de Comunicação e Jornalismo da Universidade do Sul da Califórnia (USC), abrangeu 109 filmes e 305 programas de televisão e séries digitais lançados em 2014, e produzidos por dez das maiores empresas da mídia. A pesquisa analisou um total de 11.306 personagens com papéis falados, em termos da participação de mulheres, membros de grupos raciais/étnicos minoritários e integrantes do segmento LGBT. A matéria da Agência Brasil, de produção própria, focou a participação dos negros.

De acordo com a matéria - "[Cinema e televisão não refletem diversidade nos Estados Unidos, diz pesquisa](#)" - "apenas 28% dos personagens que aparecem nas obras são negros – 9% menos do que o percentual de negros na população dos Estados Unidos". Na realidade, estes percentuais se referem aos personagens de todos os grupos raciais/étnicos minoritários, cujos principais componentes são, além dos negros, os hispânicos e os asiáticos. Em relação aos negros, especificamente, o que os dados do estudo mostram, para todas as plataformas na amostra, é uma participação de 12,2%. Este dado é quase igual ao percentual de negros na população dos EUA: 12,3% no Censo de 2010. Portanto, não há desproporcionalidade na representação. Pelos dados do estudo, são os hispânicos, não os negros, que são sub-representados.

Sistema de Rádios

A cobertura do Dia Nacional Contra o Zika

Assim como ocorreu na TV Brasil, a cobertura do dia 13 de fevereiro pelo boletim Nacional Informa mostrou a mobilização de autoridades políticas. A data foi definida pelo governo federal como Dia Nacional Contra o Zika. No relato feito pelo jornalismo, a ênfase foi na participação de ministros e da presidenta Dilma Rousseff.

Em tom oficialista, o primeiro Nacional Informa, às 9h, destacou: “Brasil tem mobilização para o combate do Zika Vírus”. A “mobilização” colocou em primeiro plano as visitas que representantes do governo federal fizeram a diversas capitais estaduais. O texto da reportagem afirmou que “ministros foram acionados pela presidenta Dilma Rousseff para acompanhar pessoalmente as ações em cada capital brasileira. Presidentes de estados e secretários de ministérios também devem estar presentes nos municípios”.

A semelhança com a narrativa governamental ficou ainda mais caracterizada na reportagem sobre as ações no Ceará. O texto não é nada mais do que um informe de agenda das autoridades: “a abertura da ação acontece nesta manhã em Fortaleza com a presença do ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, e do governador do estado, Camilo Santana. Daqui a pouco, os participantes do dia D sairão em caravana para o centro da cidade, dando orientações sobre o combate aos focos do mosquito e distribuindo materiais informativos. Além da capital, as ações acontecem em outras cidades cearenses. O ministro Carlos Higino Alencar, da Controladoria Geral da União, está no Crato, no sul do Ceará, e o ministro das Comunicações, André Figueiredo, participa do dia de mobilização em São Gonçalo do Amarante, na região metropolitana. Lá as atividades são promovidas pelo ministério, em conjunto com os Correios, governo do estado e prefeitura. Já as visitas dos militares do Exército acontecem em 17 cidades, mas todos os 184 municípios do Ceará terão atividades neste sábado”.

Às 10h, a escalada do Nacional Informa manteve o discurso de promoção das autoridades políticas: “Presidenta Dilma e ministros vão às ruas para mobilização de combate ao vírus Zika; Governador do Piauí afirma que vacina contra vírus Zika poderá estar pronta em um ano”. Logo depois, uma repórter ao vivo deu a notícia da mobilização dos militares em São Paulo. O texto parecia caminhar para uma abordagem mais informativa e menos oficialista. Mas, na matéria seguinte, a chamada dizia que o governador do Piauí comentou sobre a possibilidade de produção de uma vacina. No entanto, a matéria começou com um discurso sem referência direta ao que havia sido chamado no texto de abertura: “A ministra das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, Nilma Lino Gomes, veio ao Piauí participar da mobilização nacional”. A informação do governador apareceu nos segundos finais da matéria.

No Nacional Informa, às 11h, uma repórter ao vivo trouxe notícias de Brazlândia, a região do Distrito Federal com o maior índice de proliferação do mosquito. Da mesma forma que ocorreu na TV Brasil, a notícia sobre Brazlândia teve perfil jornalístico, ao contrário das outras matérias. Logo depois, uma repórter falou ao vivo sobre a “mobilização” em Manaus. O destaque foi para a cerimônia de lançamento da ação e a agenda do evento.

Às 12h, a manchete que foi ao ar às 10h foi dita novamente: “Presidenta Dilma e ministros vão às ruas para mobilização de combate ao vírus Zika”. A nota parece de um roteiro de propaganda eleitoral. O texto descreveu como a presidenta estava empenhada em colaborar com as ações no Rio de Janeiro: “diante de uma das casas, Dilma aplicou larvicida em bueiros, ralos e locais que podem ser potenciais criadouros do mosquito *Aedes Aegypti*. Ela também visitou uma escola do bairro, o Centro Mario Dias Vicente”.

Nos dois boletins seguintes, a figura da presidenta continuou em destaque. Às 13h, uma repórter ao vivo relatou os comentários que Dilma fez sobre o impacto do Zika nos jogos olímpicos. O assunto foi novamente mencionado como novidade às 14h. A escalada enfatizou: “Presidenta Dilma diz que casos de Zika não comprometem às Olimpíadas do Rio”. Esse boletim foi notícia “requeitada”. Além da nota sobre as afirmações de Dilma, foi repetida a primeira matéria do dia sobre a “mobilização”, que foi ao ar no boletim das 9h.

O último boletim foi às 15. O Nacional Informa finalmente trouxe uma notícia: “Rio Grande do Sul suspende o uso de larvicida no combate ao *Aedes Aegypti*”. A nota relatou que o estado suspendeu o uso de um larvicida apontado como possível causador de microcefalia. No entanto, logo depois, foi ao ar uma notícia declaratória pró-governo: “Em Manaus, o ministro chefe da Secretaria de Governo, Ricardo Berzoini, diz que se for necessário o governo vai remanejar recursos para combater o mosquito *Aedes Aegypti*”. Para finalizar a cobertura da “mobilização”, o público soube como foi a cerimônia em Manaus.

Rádio MEC AM interrompe programação

Segunda-feira, dia 15/2, estava no ar “Ecos da Terra – Gênero e Sustentabilidade”. A apresentadora, que conduz muito bem o programa, entrevistava Evelin Brito, diretora-presidente da Cooperativa Futuro de Irajá. A certa altura, a entrevistada falava sobre a coleta seletiva do lixo, dizendo que as pessoas podiam fazer a separação sem se preocuparem com a limpeza, por exemplo, de latas: “*elas vão ser higienizadas no processo de reaproveitamento...*”. Neste ponto, no meio da fala de Evelin – às 10h51 –, a entrevista sai do ar e a emissora fica muda.

Sete minutos e 12 segundos depois, volta com uma música, pelo meio. No final, a apresentadora informa: “*Sueli Mesquita, Vira lixo – e com essa música a gente se despede de mais uma edição do Ecos da Terra – Gênero e Sustentabilidade.*” Não houve explicação aos ouvintes, nem pedido de desculpas pelo ocorrido. É possível que a apresentadora e demais membros da equipe tenham continuado o programa sem saber que a emissora não estava transmitindo. O que caracterizaria falta de supervisão e comunicação interna.

Rádio faz chamada para programa que não existe

Na terça-feira, dia 16/2, recebemos mensagem do ouvinte que se identificou apenas como Aluísio, dizendo que naquele dia o programa Roda de Choro não tinha ido ao ar (na rádio MEC AM, do Rio de Janeiro). A reclamação foi enviada à direção da rádio, que nos informou que o programa não faz mais parte da programação da emissora. Dizia a nota que *"Há algumas semanas, por meio de uma chamada no ar, a emissora vem informando a mudança aos seus ouvintes. O próprio (ex) apresentador, João Carino, vinha sistematicamente informando também."*

A direção da emissora informou também que, para compensar, a MEC AM produziu outro programa – Época de Ouro –, que apresenta o mais tradicional conjunto de choro do Brasil. A atração recebe músicos e intérpretes convidados num programa semanal, ao vivo, que, por sinal, tinha estreado na véspera, 15/2, às 17h00. O apresentador é também João Carino, que apresentava o Roda de Choro. *"Esperamos que o senhor Aluísio goste"*, termina a nota.

Mais tarde, outro ouvinte – Licínio Machado Rogério – entrou em contato para dizer que a MEC AM tinha feito uma chamada anunciando que o programa Roda de Choro iria ao ar às 17h00. A Ouvidoria pesquisou e descobriu que Licínio tinha razão. Às 14h59 do dia em que eles reclamaram que o Roda de Choro não tinha sido apresentado, foi ao ar a seguinte chamada:

"Os lançamentos, as curiosidades e as raridades sobre o choro / Tudo sobre esse gênero musical genuinamente brasileiro / Roda de Choro / Toda terça, às cinco da tarde".

A Ouvidoria voltou a entrar em contato com a programação da emissora, que nos enviou outra nota dizendo que tinha sido verificada a planilha e o roteiro do dia 16/2 e que não havia sido encontrada nenhuma chamada do extinto Roda de Choro. *"Mas" – acrescenta – "realmente no Infoc (arquivo de gravação do que vai ao ar) aparece uma veiculação, provavelmente colocada erroneamente para cumprir horário, aguardando para o início do jornal das 15h00. Percebemos que aparece um 'buraco', e logo depois entra a chamada, ou seja, erro na transmissão"*.

Chega-se à seguinte conclusão: a chamada de um programa que não existe mais – e que já deveria ter sido descartada – estava entre as peças usadas como "calhau", isto é, para preencher emergencialmente eventuais lacunas de horários.

Músicas, autores e intérpretes não identificados

A Rádio MEC AM do Rio de Janeiro volta e meia roda a seguinte vinheta: "Rádio MEC AM: música, educação e cultura". Uma linha como essa representa um avanço. Afinal, boa parte das emissoras comerciais se limita a informar o nome da música, do autor e do intérprete. Quem sabe que a MEC AM é uma emissora pública e que ainda por cima diz, conforme a vinheta, que se preocupa, além da música com educação e cultura, espera que venham informações importantes sobre a história da música e dados biográficos mínimos do autor e do intérprete. Mas, quem tem essa expectativa se frustra.

No domingo, 21/2, a emissora não fez sequer o que faz uma emissora privada: informar o nome da música, do autor e do intérprete. Nada. A emissora passou no mínimo duas horas – das 13h00 às 15h00 –, em que uma música sucedia a outra sem qualquer informação sobre a obra. Às 13h00, logo após o noticiário, entra a música Canção do Sal, de Milton Nascimento, interpre-

tado por cantora não identificada. Os dados anteriores – nome da música e do autor – foram conseguidos em pesquisa da Ouvidoria, porque a emissora não forneceu absolutamente qualquer informação aos seus ouvintes. O mais estranho é entrar repetidamente a vinheta “*Rádio MEC AM: música, educação e cultura*” e outra, parecida, “*MEC AM: a casa da música popular brasileira*”.

Terminou Canção do Sal, entrou, na sequência, Ser Humano, de Zeca Pagodinho, com a interpretação do próprio autor. E as músicas foram se sucedendo sem nenhuma informação.

Enchendo o tempo do ouvinte

Depois de ficar 1min e 5 segs. fora do ar, às 14h00:15” a emissora – Rádio MEC AM do Rio de Janeiro – voltou a transmitir. E recomeçou no meio de uma frase do apresentador do noticiário:

“... fez um apelo para que os governantes cheguem a um consenso internacional para acabar com a pena de morte.”

Nesse dia, 21/2, tinha terminado o Horário de Verão. O apresentador chama uma repórter no estúdio para mais informações. Foi uma matéria extensa e absolutamente irrelevante. Tratava-se, na verdade, de uma sequência de sonoras em que os entrevistados diziam se são contra ou a favor do horário de verão, o que fizeram no dia com uma hora a mais. Nada havia de aproveitável. Fala do último: *“você olha o relógio, são nove horas, mas na verdade são oito. Tem que adiantar a comida”*. Para terminar, entra a repórter com apenas duas informações: o montante economizado no período e quais estados participam do Horário de Verão.

É preciso cuidado com a seleção musical

O programa Alvorada Brasileira, da Rádio Nacional da Amazônia, é exibido aos domingos, das 5h às 7h. No dia 28/2, o apresentador dá início ao programa saudando membros da equipe e também os ouvintes: *“Abraço pra os amigos, amigas da Amazona, do meu, do meu Brasil e todos que tão na escuta do programa. E lá fora também o pessoal tá escutando a gente lá fora também.”*

Na sequência, ele anuncia a dupla Teodoro e Sampaio, cantando “*Tô Querendo Mais*”. Só que a música que interpretam é outra, intitulada “*Mulher Moderna*”. A letra da música consiste num desrespeito à mulher de maneira geral, o que é ainda mais sério, considerando-se a proximidade do Dia Internacional da Mulher (8/3), data em que as mulheres são homenageadas. É também a data em que se denunciam o desrespeito e a violência de que são vítimas.

A letra deixa clara a necessidade de maior cuidado na seleção musical porque, do contrário, toda a campanha em favor dos direitos de cidadania das mulheres, que mobiliza todo o sistema de rádios da EBC, é anulada por 'obras' que apresentam trechos como:

“Todo homem que tem muita grana

Ganha na manha a mulher que quiser”

“A mulher de hoje quer carrão

Dinheiro e fazenda lotada de boi.”

E, como se não bastasse tudo isso, mais uma pérola:

"Das mulheres que existem no mundo

Noventa por cento são ambiciosas

Dez por cento estão satisfeitas

E o resto só querem jóias valiosas"

Uma emissora que faz parte do sistema público de rádios, cujas vinhetas anunciam a intervalos regulares "música, educação e cultura", tem que ter mais critério na seleção musical. Este último trecho, além do desrespeito à mulher, é também um atentado à aritmética e à língua portuguesa, contrariando cabalmente o que anunciam as vinhetas.

Ouvidoria nos veículos da EBC

Programas da Ouvidoria

A situação dos programas da Ouvidoria nas rádios e na TV Brasil permanece a mesma que foi referida em relatórios anteriores. As dificuldades administrativas para formação da equipe de produção ainda não foram superadas, inviabilizando os projetos. Somente a Coluna da Ouvidoria vem sendo publicada, ainda em página única na Agência Brasil, com inserção no Portal EBC, na seção "Também na EBC". Os arquivos e *links* das publicações ficam armazenados na página da Ouvidoria. Por motivos operacionais, no mês de fevereiro foi publicado apenas um texto na Coluna da Ouvidoria, reproduzido abaixo.

Colunas da Ouvidoria

TV Brasil mostra diferencial e sobe nos índices de audiência no carnaval

A TV Brasil deu um show na Sapucaí. Chamo especial atenção para a transmissão do Desfile das Campeãs, na noite de sábado, 13/02. Não havia excesso de câmeras, efeitos especiais, drones, nem um batalhão de repórteres e cinegrafistas embolando-se entre passistas e foliões. Foi modesto, básico. Mas foi justamente a simplicidade que surpreendeu a plateia – todos puderam ver o desfile como se estivessem lá. A carnavalesca e professora Maria Augusta, que esteve no estúdio como uma das comentaristas convidadas, não conteve a satisfação ao perceber que o desfile das várias alas das escolas estava sendo mostrado na ordem correta, o que, na opinião dela, é a única forma de se entender o enredo. E não mediu palavras para elogiar a TV Brasil.

"Eu gostaria de elogiar, antes de começar qualquer coisa, a transmissão da TV Brasil. Nós que somos carnavalescos, que gostamos do detalhe, no esforço que as escolas fazem, a transmissão da TV Brasil está mostrando detalhe por detalhe. Isso não acontece na outra emissora. Vocês estão transmitindo e mostrando o desenvolvimento do enredo, que é uma coisa fundamental, inclusive, porque conta ponto na hora que você vai avaliar uma escola de samba. Parabéns!"

O público de casa também participou da transmissão, colocando a hashtag #CampeãsRJ e #CampeãsSP no trending topics do Twitter; foram mais de 23 mil interações. Muitos elogios também chegaram à Ouvidoria. O índice de audiência, pela medição do Ibope, atestou que a TV pública, no Rio de Janeiro, ficou passeando entre o segundo e o terceiro lugares naquele sábado das campeãs.

A TV Brasil inovou, resgatando, com sua simplicidade, o modo de transmitir que permite ao outro poder ver e ouvir com seus próprios olhos e ouvidos – será isso uma forma de contribuir para a formação crítica? Certamente que sim. E a tal da relevância? Será mesmo relevante fazer o que as tevês comerciais fazem há décadas com exclusividade e, claro, com muitos patrocina-

dores? Há quem conteste a relevância de uma TV pública cobrir carnaval.

Que me perdoem os discordantes, mas a relevância pode estar em tudo o que se faça com seriedade e competência, porque não é a forma que eleva a audiência ou que define a pertinência, mas o conteúdo. E na transmissão da TV Brasil, não foram ditas as bobagens clássicas das coberturas de carnaval. Os comentaristas convidados também trouxeram informações importantes e interessantes. E a âncora das transmissões, Liliane Reis, deu um banho de competência – tinha o tal do conteúdo! Na avenida, para quem conhece os bastidores de uma cobertura de carnaval, dava para ver que a alegria no semblante dos repórteres era verdadeira, espontânea – orgulho de ser emissora pública. Tecnicamente, tudo muito correto, mostrando a qualidade dos diversos profissionais envolvidos na transmissão.

No entanto, perdemos no quesito estratégia. Os poucos intervalos – que na TV pública não são comerciais – não foram bem aproveitados. Diante de uma tão grande audiência, a programação poderia ter aproveitado para divulgar os veículos da comunicação pública, seus programas e conteúdos. Mas não foi o que aconteceu. As chamadas, repetitivas, divulgaram apenas os programas que seriam exibidos no dia seguinte. Perdeu-se uma grande oportunidade de mostrar para o povo brasileiro a competência dos veículos do sistema público de comunicação. Afinal, é para isso que servem os altos índices de audiência – para dar ao público a oportunidade de ver o que é ser realmente relevante.

Manifestações do Público

TV Brasil

A transmissão do Carnaval pela TV Brasil foi, sem dúvida, o principal destaque da programação em fevereiro. Os resultados satisfatórios na audiência e a qualidade da apresentação motivaram comentários nas redes sociais, na imprensa e também nas mensagens que chegaram à Ouvidoria. Neste mês, a emissora recebeu 367 mensagens dos telespectadores. Desse total, 138 referem-se ao carnaval, sendo 20 reclamações, 45 elogios, cinco comentários, 27 pedidos de informação, 13 sugestões e 17 serviços.

Entre os elogios está a mensagem de Taiane Lima (Processo 330-TB-2016), do dia 11, que parabenizou a TV Brasil pela transmissão do carnaval da Bahia "dando visibilidade ao samba e aos blocos afros". Já Natália Gonzaga (Processo 347-TB-2016) acompanhou o desfile do grupo de acesso de São Paulo pela TV Brasil. Ela fez uma sugestão a emissora: "evitem os comentários longos. Afinal atrapalha ouvir o desenvolvimento da bateria e do próprio samba". José Carlos Julião (Processo 369-TB-2016), no dia 15, disse que "há muito que não assistia a uma cobertura informativa e regular do carnaval do Rio. Pude entender os enredos, as alegorias, fantasias, ouvir bem os sambas enredo, sem qualquer ou firula".

Angela Cristina Motta (Processo 385-TB-2016), também no dia 15, parabenizou a TV Brasil "pela excelente transmissão do desfile das Campeãs. Espero ver vocês na transmissão do desfile em 2017. É uma prova que só dinheiro e tecnologia de ponta não são suficientes". Mensagem semelhante foi enviada por Ana Domingos (Processo 386-TB-2016): "parablenizo os profissionais da TV Brasil pela transmissão do Desfile das Campeãs do Carnaval Rio de Janeiro 2016, por apresentar o evento na íntegra, pelo excelente trabalho da equipe de jornalismo e comentaristas convidados. Isso demonstra um trabalho cuidadoso, que se traduz no respeito as agremiações participantes e aos telespectadores. Que continuem assim!"

Adriano Lafeté (Processo 406-TB-2016) afirmou, em mensagem no dia 16, que "a TV Brasil deu show na transmissão. Vi a de sábado, do carnaval no Rio. Diferentemente da cobertura da Globo, mais focada na participação dos atores globais, as escolas e seus enredos foram o destaque. Apresentadora, repórteres, equipe técnica, comentaristas convidados, qualidade de imagem e áudio estão de parabéns, assim como a decisão de assumir a empreitada".

Em relação, às reclamações destacam-se as mensagens de pessoas que não conseguiram assistir à transmissão do desfile do grupo de acesso. Entre os pedidos de informação também há mensagens sobre assunto. Os telespectadores questionaram à Ouvidoria como deveriam fazer para poder ver as imagens ao vivo. As respostas da área informaram, basicamente, que "em algumas localidades (...) o sinal da TV Brasil não é retransmitido na íntegra pela emissora parceira em função de compromissos locais".

As outras reclamações são de aspectos pontuais da cobertura. Por exemplo, Angela Faria (Processo 464-TB-2016), no dia 13, criticou os cortes nas imagens: "estou assistindo a transmis-

são das escolas de samba do Rio de Janeiro. Por favor, coloquem a transmissão desde o início, vocês ficam só colocando a transmissão da bateria ou do puxador e a escola já entrou. Deixem de lado as arquibancadas, frisas. Por favor, precisamos de uma transmissão boa, para deixar de lado a Globo que foi horrível”.

Josué Ferreira (Processo 422-TB-2016) elogiou a transmissão, mas fez duas reclamações: “(1) apresentadora é bem ruinzinha, fala demais além de errar muito. Foi um martírio no desfile de São Paulo, no desfile da Tom Maior e da Mancha Verde. A apresentadora e os convidados não pararam de tagarelar; (2) além da falar demais, a apresentadora cometeu diversas gafes (tanto na transmissão de São Paulo como na do Rio). Nomeou errado diversas alas e até carros alegóricos! Falou dos (atuais) territórios franceses na África! Chamou de Diretora de Carnaval, o grande Laíla (acho que ela nem imagina que ele em 1974 já puxava samba no Salgueiro). O Salgueiro é uma das poucas escolas em que usamos o gênero masculino. Ela insistia em usar o feminino e chamar de ‘a Salgueiro’. A moça precisa estudar um pouco mais, né?”. O demandante ainda sugeriu à TV Brasil transmitir o Festival de Parintins.

A resposta da área informou que “a Diretoria de Produção Artística agradece o envio da sua mensagem e reitera nosso papel na difusão de conteúdos que contribuam para a valorização da cultura brasileira”.

Outras mensagens do público à Ouvidoria

André Moreau (Processo 302-TB-2016) elogiou a entrevista do Espaço Público com Juca Kfourir, mas reclama do corte que houve no sinal durante o programa. “Lamentamos a súbita interrupção na transmissão realizada que atingiu a todos os niteroienses. Apesar de não haver alterações meteorológicas, a partir do segundo bloco do mencionado programa, quando as posições passaram a ser mais politizadas, estranhamente, a transmissão começou a ser interrompida, impossibilitando que acompanhássemos a sua exibição (...) Censura nem pensar, não é?”, diz o telespectador.

Resposta da área: “Solicitamos ao nosso pessoal do Rio de Janeiro para realizar levantamento de modo a verificar se há registrado alguma ocorrência em relação ao fato relatado”.

Já Lucinaldo de Farias (Processo 327-TB-2016) afirma que no litoral sul da Paraíba, o sinal da TV Brasil está muito ruim. Essas duas mensagens também estão pendentes de resposta.

Resposta da área: “Como não há menção da forma como o telespectador recebe o sinal, solicitamos informar se a reclamação se refere ao canal 43, de TV aberta, de João Pessoa.” Contestação do telespectador: “No litoral sul da Paraíba, o sinal da TV Brasil (43) está muito ruim”. Continua sem resposta à contestação do telespectador.

Em relação à programação, há sugestões como a de Isabela Moreira (Processo 260-TB-2016) que pede mudança no horário de veiculação dos filmes. Segundo ela, o horário é muito tarde. “Vendo a EBC ofertar, porém afunilar a possibilidade de um telespectador comum, que trabalha ou dorme cedo, de poder assistir coisas diferentes é bastante perturbador e um tanto incoerente. Queremos ser incluídos!”, afirma.

A resposta da área foi de que "a faixa de cinema é composta, em grande parte, por filmes cuja classificação indicativa é para maiores de 18 anos. A programação obedece ao que está estabelecido pela Secretaria Nacional de Justiça, do Ministério da Justiça, exibindo os filmes após as 23h".

Diogo Molina Gois (Processo 478-TB-2016) questionou a razão do Observatório da Imprensa não ter tratado do aniversário de 95 anos da Folha de São Paulo. A resposta da Diretoria de jornalismo não atendeu à demanda do telespectador.

A área informou: "agradecemos a sua participação e sua audiência. Informamos que sua sugestão já é de conhecimento da equipe do programa Observatório da Imprensa e que o tema com certeza será pauta do programa, tão logo isso seja possível."

Sandra Maria Ferreira de Carvalho (Processo 462-TB-2016) reclamou de falhas na transmissão do Repórter Brasil, no dia 8. Segundo ela, durante o telejornal, surgiram listras verticais na tela. O problema ocorreu apenas na TV Brasil. Nos outros canais, tudo permaneceu normal. A mensagem enviada pela telespectadora em 18 de fevereiro não foi respondida.

Resposta da área: "Solicitamos informações de que forma a telespectadora recebe o sinal da TV Brasil: se por TV aberta, se por TV por Assinatura (neste caso informando a operadora), ou se por antena parabólica."

Agência Brasil e Portal EBC

No período de 1/2 a 29/2, a Ouvidoria recebeu 28 manifestações relacionadas à Agência Brasil. Houve 9 reclamações, 4 pedidos de informação, 2 sugestões e 13 serviços. A seguir uma amostra das manifestações recebidas:

Carolina Mainardes (Processo 33-AB-2016): *"Na matéria intitulada 'Balanço da CGU revela desvios de R\$ 2 bilhões da merenda escolar' - <http://agenciabrasil.ebc.com.br> (...) - no trecho 'A GCU citou, como exemplo, cinco municípios que, juntos, tiveram um prejuízo estimado em R\$ 380 milhões, no período.' O que vem a seguir não são os nomes dos municípios, mas sim os nomes das operações da Polícia Federal nos estados. Vale uma correção ou errata".*

Resposta da Suadi: *"A CGU constatou que houve irregularidades em 199 municípios e citou cinco operações feitas em conjunto com a Polícia Federal, pelas quais se registrou um desvio de R\$ 380 milhões. A matéria está correta. Agradecemos a leitura e sua contribuição".*

Esta demanda foi tema de uma análise complementar na seção de "Análises da Agência Brasil".

Sergio Taufick (34-AB-2016): *"Informo acerca do erro no excerto que diz que 'A visita ocorre depois de o atual presidente francês, François Hollande, ter estado em Cuba em maio de 2015, sendo o primeiro chefe de Estado ocidental a visitar o país desde 1959', no link [http://\(...\)presidente-de-cuba-visita-franca-em-nova-etapa-de-relacoes-com-europa](http://(...)presidente-de-cuba-visita-franca-em-nova-etapa-de-relacoes-com-europa). Os presidentes Lula e Dilma já visitaram Cuba, bem como vários outros presidentes ocidentais, em particular da América Latina".*

Resposta da Suadi: *"Você tem razão. Muito obrigada pelo alerta. Muito provavelmente, na tradução do termo 'western' veio a palavra ocidental, com o sentido de países desenvolvidos. Para facilitar o entendimento, retiramos essa informação da matéria".*

Hilton Faria da Silva (37-AB-2016): *"Na última matéria sobre a usina hidrelétrica de Belo Monte, as linhas de transmissão foram citadas como tendo 2 km e 2,5 km. Na verdade são 2 mil e 2,5 mil km. Corrijam".*

Resposta da Suadi: *"Você tem razão. Corrigimos a informação errada da matéria. Agradecemos seu alerta e pedimos desculpas pela demora no retorno".*

Rodrigo Nin Ferreira (Processo 38-AB-2016): *"Não basta a mídia empresarial para divulgar mentiras. A reportagem Dólar fecha a R\$ 4,16, maior nível desde a criação do real falsifica, e que a desmente é uma reportagem da mídia empresarial como se pode ver no link abaixo. [http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,corrigido-pela-inflacao--dolar-esta-longo-do-pico-de-2002,\(...\)](http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,corrigido-pela-inflacao--dolar-esta-longo-do-pico-de-2002,(...). Muito lamentável!"*

Resposta da Suadi: *"O enfoque da matéria do Estadão é diferente do nosso porque eles fizeram a conta de como foi a evolução do dólar já descontada a inflação. E nossa matéria mostrou a variação do dólar do dia em que foi publicada. Em valores nominais, foi o maior valor desde o plano*

real. Sempre buscamos ser isentos, precisos e plurais na nossa cobertura. Agradecemos seu comentário e garantimos que nossa busca é pelo bom jornalismo”.

Paulo Cesar Flores (Processo 49-AB-2016): *“Matéria sobre as manifestações em São Paulo (depoimento do Lula) está incompleta. Faltou a versão dos representantes contrários ao PT. (lição básica de jornalismo)”.*

Resposta da Suadi: *“Há, ao longo da matéria, os dois cenários, pró e contra Lula. Ao final, há uma fala de uma pessoa contrária a Lula e favorável ao regime militar. Agradecemos seu comentário. Acreditamos que você esteja referindo-se à seguinte matéria: 'Grupos pró e contra Lula se manifestam em frente a fórum em SP e há tumulto'”.*

Complementação da resposta da Suadi, solicitada pela Ouvidoria, na hipótese de a matéria a que o leitor se refere ser outra, publicada mais tarde – “Manifestações pró e contra Lula terminam com quatro feridos em São Paulo”: *“Tem razão. No [segundo] texto entrou apenas a fala do representante dos manifestantes contra Lula. Embora a matéria tenha sido contextualizada pelo repórter, faltou o contraponto, premissa básica do jornalismo da Agência Brasil. E também faltou a referência à primeira matéria, o que ajudaria na contextualização”.*

Augusto Carvalho (Processo 50-AB-2016): *“Em primeiro lugar parabenizamos sua talentosa equipe de profissionais ligados a Agência Brasil, um Portal de fácil navegação e praticidade. Em segundo, unidos pelo nosso principal objetivo de informar, aproveitamos para propor uma parceria no sentido de poder transcrever matérias do seu portal em nosso site [Itapemirim Online]. Além da nossa equipe de colaboradores, contamos com correspondentes no Rio de Janeiro, São Paulo, San Francisco-CA (EUA) e Sydney (Austrália)”.*

Resposta da Suadi: *“É um prazer saber do seu interesse nas notícias da Agência Brasil. Você pode republicar as notícias publicadas em nosso site, assim como as fotos e, os áudios da Radioagência Nacional e, agora, também os vídeos que começaram a ser publicados. Para facilitar o recebimento das notícias, você pode incluir o RSS em seu site. Para baixar as fotos e os áudios, é preciso se cadastrar na Central de Conteúdo. Os vídeos estão publicados nesta página (...) Para colocar o link, o ideal é que seja para este endereço (...); Qualquer dúvida, estamos à disposição”.*

Patrícia Silva (Processo 53-AB-2016): *“Caros, eu gostaria de saber por que ontem (22) com mais uma ação da Operação Lava Jato, a Agência Brasil e o portal da EBC passaram a manhã toda ignorando o pedido de prisão do marqueteiro do PT, João Santana. No começo da manhã, a notícia era destaque em todos os principais portais brasileiros e EBC dava a notícia da operação, mas sem citar o João Santana”.*

Resposta da Suadi: *“A reportagem da Agência Brasil foi destacada desde o início da manhã para apurar a execução da 23ª fase da Operação Lava Jato, em todas as frentes de que dispomos - Brasília, São Paulo, no Rio de Janeiro e na Bahia. Às 8h10, a única confirmação que tivemos foi a partir de uma nota da Polícia Federal, resumindo os mandados de busca e apreensão, de condução coercitiva e de prisão da operação, no entanto, sem citar nomes. Mais tarde, houve uma entrevista coletiva na Polícia Federal em Curitiba, que acompanhamos a distância e, só então, ficou confirmada a prisão do publicitário João Santana e foi feito um balanço da operação em todo o país. Essa matéria foi publicada às 12h41. Posteriormente, ao longo do dia, tivemos várias maté-*

rias detalhando as ações da Polícia Federal, além de desdobramentos e repercussões dessa fase da Lava Jato”.

Maria Izabele Cavalcanti de Araújo (Processo 54-AB-2016): *“Eu fico muito feliz em ver uma matéria da EBC sobre o projeto da Khoros, minha produtora de vídeo, chamado 'Se7e Solos' (adaptação para TV do projeto homônimo criado pelo Paço do Frevo - museu do Frevo localizado em Recife - em parceria com os passistas). Para mim, é um orgulho ter um canal de TV aberta com tamanho respaldo cultural compartilhando meu primeiro projeto para TV realizado em 2015. Só não achei legal terem tirado os créditos de autoria e composição das músicas (algo com o qual sou bem atenciosa), visto que tais artistas - assim como Antônio Nóbrega - só as liberaram sob essa condição e porque iam passar na TV Brasil.*

Só duas correções:

1ª a produção foi feita pela Khoros. A TVU Recife apenas nos apoiou, ato que sou muito grata até hoje, pois o projeto está sendo exibido pela segunda vez consecutiva.

2ª A Universidade de Pernambuco não tem nada a ver com a TVU, muito menos com esse projeto. Na verdade, é a Universidade Federal de Pernambuco. Digo isso porque estagiei na TVU justamente por ser aluna da UFPE e não da UPE. Só um pedido

Para evitar problemas judiciais por falta de atenção de quem (re)editou meu vídeo (e os demais, creio eu) sem prévio comunicado e por quem fez a matéria, por favor, consertem esse erro. O problema aqui não é dar os créditos, somente, mas sim a falta de respeito e delicadeza com os profissionais independentes que me ajudaram a fazer esse vídeo sem me pedirem nada em troca, apenas confiando a mim seu nome no final do vídeo. Profissionais esses que se sentiram muito lisonjeados em terem sua música divulgada em um canal (no ano de 2015) que por aqui é assistido pelos representantes mais influentes da cultura pernambucana.

Aqui segue a matéria de vocês <http://www.ebc.com.br/infantil/2015/02/dancarino-de-pernambuco-diz-que-existem-varias-maneiras-de-dancar-o-frevo>

Resposta da Suadi: *“Informamos que os créditos demandados já foram inseridos na matéria publicada que acompanha o vídeo. Obrigada por nos alertar e esperamos continuar contando com a sua colaboração, sempre que possível”.*

Abdias Alves de Souza Júnior (Processo 60-AB-2016): *“Mais atenção!!! Confesso estar chocado com a falta de responsabilidade da EBC ao divulgar uma matéria com erros gravíssimos — e que foi reproduzida por vários sites de notícias. Favor corrigir a matéria intitulada 'IBGE renda per capita média do brasileiro atinge R\$ 1.113 em 2015'.*

Erros: Rendimento per capita da Bahia e de Pernambuco

Rendimento correto da Bahia R\$ 736,00 Rendimento correto de Pernambuco R\$ 822,00. Os valores acima constam na própria página do IBGE [http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias\(...\)](http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias(...)). Favor corrigir o quanto antes, em respeito aos leitores brasileiros.

Resposta da Suadi: *“Desculpe-nos o engano. A matéria foi corrigida. Agradecemos seu alerta”.*

No período de 1/2 a 29/2, a Ouvidoria recebeu 5 manifestações relacionadas ao Portal EBC. Houve 2 reclamações, um pedido de informação e um serviço. A seguir uma amostra das manifestações recebidas:

Carlos Eduardo Henriques Lamônica (Processo 4-PE-2016): *"Vocês noticiaram que o horário de verão terminará à meia-noite do dia 21 de fevereiro. Notícia incorreta. O horário de verão terminará à meia-noite do dia 20 de fevereiro, ou seja, zero hora do dia 21 de fevereiro"*. Link da matéria: <http://www.ebc.com.br/noticias/2016/01/fim-do-horario-de-verao-2016>.

Resposta da Suadi: *"Agradecemos o seu alerta e informamos que o erro já foi corrigido"*.

Roberto Cordeiro da Costa (Processo 6-PE-2016): *"Estou tentando me cadastrar/registrar para ter acesso as questões do ENEM 2009/2014 e também a outros documentários como o "Reservatório de Sobradinho", de modo que eu pudesse baixar e depois com calma ler e estudar, porém não consigo, sempre há um entrave, e não consigo. Gostaria de orientação de como superar e realizar o meu cadastro. Muito obrigado"*.

Resposta da Suadi: *"Prezado Roberto, precisamos saber qual dificuldade o sr. teve, para poder ajudar."*

O demandante não voltou a se comunicar.

Sistema de Rádios

No mês de fevereiro de 2016, a Ouvidoria recebeu 63 mensagens relativas ao sistema de rádios da EBC. Foram 17 reclamações, 9 elogios, 2 sugestões, 2 comentários, 26 serviços e 7 pedidos de informação. A seguir, uma amostra das demandas dos ouvintes.

Rádio MEC AM do Rio de Janeiro

A ouvinte Sônia, que é professora, enviou os “parabéns à rádio pela excelência do debate matinal sobre a reestruturação da Educação no Rio de Janeiro.” Na sua opinião, o programa deveria ser reprisado para que todos os cariocas possam refletir sobre o tema.

Alúcio Lemos entrou em contato com a Ouvidoria para dizer que o programa Roda de Choro não foi ao ar na terça-feira, dia 16/2. A coordenação da emissora informou que o Roda de Choro foi substituído pelo programa Época de Ouro, que vai ao ar às segundas-feiras, ao vivo, às 17 horas.

Rádio MEC FM do Rio de Janeiro

Vários ouvintes elogiaram programas da rádio, muitas vezes fazendo restrições a questões técnicas ou mesmo de conteúdo. Jomar Carvalho diz que gosta da rádio, mas diz ser “lamentável que a emissora saia do ar com tanta frequência”. E questiona: “Não há jeito de estabilizar esse serviço?”. A Engenharia da EBC diz que desde o dia 3/2 a rádio está “com transmissão restabelecida pelo transmissor principal e com áudio digital”, acrescentando que essas mudanças devem ter eliminado as falhas de áudio.

Rejane Machado elogia a programação, dizendo ser ouvinte desde que se entende por gente. Ela diz que é escritora, filha de maestro e canta num coral erudito. Afirma que ama a programação da rádio, mas que as noites de domingo deixam a desejar. “A rádio MEC AM não precisa competir com ninguém. É única neste contexto sofrível da radiofonia nacional”.

O ouvinte Alúcio Lemos reclamou da locução dos nomes das músicas que, na opinião dele, é muito rápida. Pede que seja mais lenta para possibilitar ao ouvinte anotar o nome da música e do intérprete. Marcus Vinicius Minucci manifesta sincera admiração “pela programação de excelente qualidade que a rádio mantém”. Destaca o trabalho do radialista Nelson Tolipan, dizendo acreditar que “ele é, atualmente, quem mais conhece a história do jazz e do blues no Brasil”. E parabeniza o organizador do programa Som Infinito, Dom Félix Ferra.

Morador da Praça Seca, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, o ouvinte que se identifica apenas como Fernando reclama que quando a rádio comunitária entra no ar, não é possível mais sintonizar a emissora. Parece que entra na mesma frequência. A Engenharia da EBC pede que o ouvinte envie mais informações, como nome da rádio, endereço, telefone, ou outros dados que per-

mitam identificar a emissora, para encaminhar o caso à Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações).

O ouvinte Mauro Novis parabeniza “a repetição do programa 'Falando com Verso', principalmente sua melhor parte, que são versos de Cecília Meireles lidos por Paulo Autran”. E parabeniza também a própria existência da Rádio MEC. Outro elogio teve como remetente Aloísio dos Santos Silva, morador do Jardim Sulacap, zona oeste do Rio. Há cerca de um mês, ele tinha reclamado da má qualidade do sinal da emissora. Desta vez ele diz ter “a grata satisfação de informar que desde o período pré-carnavalesco os chiados, assovios e interferências deixaram de ocorrer”. A Superintendência de Suporte das Rádios do Rio de Janeiro da EBC agradeceu o retorno do ouvinte e informou que a Engenharia “tem trabalhado dia e noite para melhorar o sinal da MEC FM”.

Vicente Jouclas de Medeiros escreve rasgando elogios à programação da emissora: “Tudo de bom e de melhor que captei no mundo sonoro foi na Rádio MEC”. Ele elogia também o jornalismo, o tempo, e conclui: “Não vou encher o e-mail de elogios para não ficar chato”. A Ouvidoria agradeceu o contato e informou que remeteu os comentários e elogios para a emissora, para conhecimento e apreciação.

Rádio Nacional de Brasília AM

A ouvinte Teodora Fischli reclama que no programa Madrugada Nacional, que entra depois da meia-noite, neste mês de férias do locutor João McBrown, a programação está sendo gravada. E pede providências para que volte a ser como em anos anteriores, em que era colocado um locutor substituto para cobrir as férias do apresentador.

A coordenação de programação da emissora informa que sempre que o apresentador goza de direitos como férias e abono social, ou precisa se ausentar por motivos de saúde, o programa precisa ser gravado, o que já se tornou praxe na emissora. “Lamentamos – diz o texto da programação – que este serviço precise ser interrompido esporadicamente e convidamos a senhora a ouvir e a participar dos demais programas que continuam sendo apresentados ao vivo.”

Rádio Nacional da Amazônia

O ouvinte Gomes Pereira entrou em contato com a Ouvidoria para perguntar por que a emissora não transmite mais os jogos de quarta-feira à noite. Ele mora na roça e diz que “com a retirada, as noites ficam tristes, sem graça”. A coordenação da emissora informa que a decisão de não transmitir jogos do Campeonato Carioca durante a semana baseou-se no fato de que a audiência cai quando os jogos substituem o programa “Eu de cá, você de lá”. A coordenação informa também que a emissora transmite dois programas esportivos: O “Bate Bola Nacional”, de segunda a sexta, das 13h00 às 13h30, e “No Mundo da Bola”, também de segunda a sexta, das 20h00 às 21h00.

Rádio Nacional AM do Rio de Janeiro

O sinal da transmissão da cobertura do Carnaval pela emissora foi bom, na opinião da ouvinte Maria Olímpia Gonçalves Teixeira. O ponto negativo, na opinião dela, foi o moderador sempre atropelar os comentários de Adelson Alves. “Esse radialista, o atropelador, deveria ter ciência de

que Carnaval é cultura e os ouvintes optaram pela EBC porque já conhecem o peso que tem Adelson Alves". A Ouvidoria encaminhou a mensagem da ouvinte às diretorias de Produção, Conteúdo e Programação e de Jornalismo, à Rádio Nacional do RJ-AM e à Diretoria Geral da EBC para conhecimento e apreciação.

Processos penderes

Pendências de atendimento

Os processos registrados nas categorias Elogio, Sugestão, Comentário e Serviços não dependem de um retorno da área para serem encerrados. Envia-se uma resposta padrão agradecendo ao usuário pela mensagem com a informação de que a manifestação foi direcionada ao setor responsável, encerrando o procedimento. Os processos registrados como Pedidos de Informação e Reclamações têm um tratamento diferenciado e dependem do retorno da área responsável para que sejam encerrados. O prazo de resposta das áreas para as manifestações é de 5 dias úteis, de acordo com a Norma 104 da Ouvidoria/EBC.

As tabelas a seguir relacionam os processos de fevereiro, que estão pendentes de resposta até o fechamento deste relatório. Em seguida, a descrição de cada processo com a data de previsão de resposta.

Área Encaminhada	TOTAL
Gerência de Rede	9
Diretoria de Jornalismo	7
Diretoria de Produção	5
Superintendência de Suporte	4
Superintendência de Agências e Conteúdos Digitais	4
Coordenação MEC FM	3
Diretoria de Conteúdo e Programação	2
TOTAL	34

Processo	Área Encaminhada	Data de Envio	Previsão de Resposta
254-TB-2016	Diretoria de Jornalismo	1º/02/2016	10/02/2016
258-TB-2016	Gerência de Rede	1º/02/2016	10/02/2016
302-TB-2016	Superintendência de Suporte	04/02/2016	15/02/2016
303-TB-2016	Gerência de Rede	04/02/2016	15/02/2016
312-TB-2016	Diretoria de Conteúdo e Programação	05/02/2016	16/02/2016
349-TB-2016	Gerência de Rede	12/02/2016	19/02/2016
365-TB-2016	Diretoria de Jornalismo	12/02/2016	19/02/2016
368-TB-2016	Diretoria de Jornalismo	15/02/2016	22/02/2016
390-TB-2016	Gerência de Rede	15/02/2016	22/02/2016
396-TB-2016	Diretoria de Produção	15/02/2016	22/02/2016
397-TB-2016	Diretoria de Produção	15/02/2016	22/02/2016
414-TB-2016	Diretoria de Produção	16/02/2016	23/02/2016
417-TB-2016	Diretoria de Jornalismo	16/02/2016	23/02/2016
435-TB-2016	Gerência de Rede	17/02/2016	24/02/2016
441-TB-2016	Gerência de Rede	17/02/2016	24/02/2016
446-TB-2016	Gerência de Rede	18/02/2016	25/02/2016

Processo	Área Encaminhada	Data de Envio	Previsão de Resposta
452-TB-2016	Gerência de Rede	18/02/2016	25/02/2016
455-TB-2016	Diretoria de Jornalismo	18/02/2016	25/02/2016
473-TB-2016	Diretoria de Produção	18/02/2016	25/02/2016
486-TB-2016	Gerência de Rede	19/02/2016	26/02/2016
491-TB-2016	Diretoria de Produção	19/02/2016	26/02/2016
510-TB-2016	Diretoria de Jornalismo	23/02/2016	01/03/2016
515-B-2016	Diretoria de Jornalismo	23/02/2016	01/03/2016
521-TB-2016	Superintendência de Agências e Conteúdos Digitais	22/02/2016	29/02/2016
536-TB-2016	Superintendência de Agências e Conteúdos Digitais	23/02/2016	1º/03/2016
577-TB-2016	Superintendência de Suporte	26/02/2016	04/03/2016
592-TB-2016	Diretoria de Conteúdo e Programação	29/02/2016	01/03/2016
593-TB-2016	Superintendência de Suporte	29/02/2016	01/03/2016
7-MA-2016	Superintendência de Agências e Conteúdos Digitais	24/02/2016	02/03/2016
15-FM-2016	Superintendência de Suporte	26/02/2016	04/03/2016
9-RN-2016	Superintendência de Agências e Conteúdos Digitais	26/02/2016	04/03/2016
15-MF-2016	Coordenação MEC FM	03/02/2016	10/02/2016
17-MF-2016	Coordenação MEC FM	05/02/2016	16/02/2016
23-MF-2016	Coordenação MEC FM	17/02/2016	24/02/2016

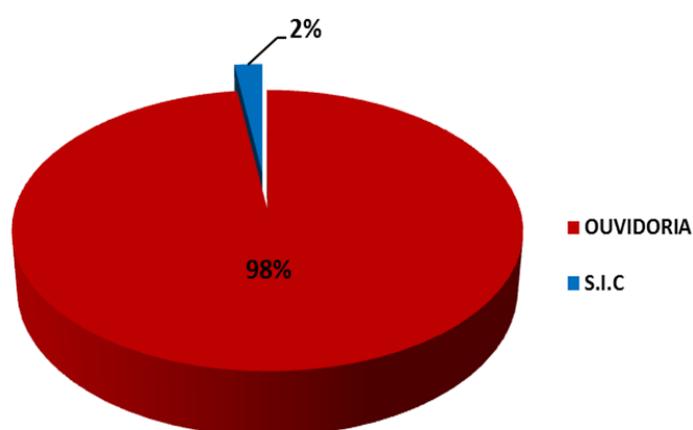
Estadísticas de atendimento

Ouvidoria em números

Percentuais de atendimento para o período

A Ouvidoria da EBC contabilizou em fevereiro 744 atendimentos, são 728 referentes ao atendimento da Ouvidoria e 16 do Serviço de Atendimento ao Cidadão – SIC.

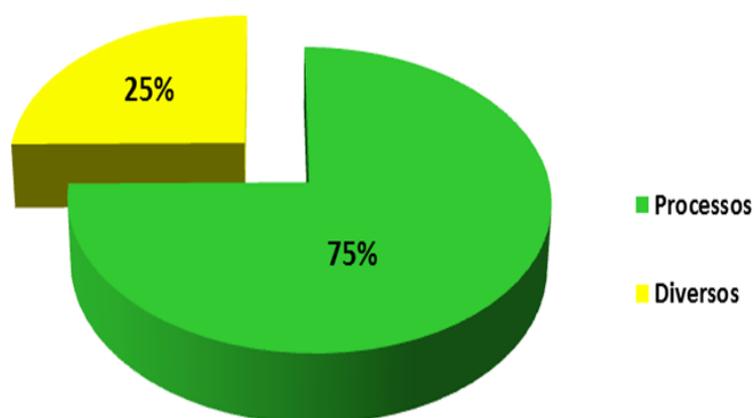
Percentual de atendimentos



FONTE: NAMBI – OUVIDORIA/EBC

Dos 728 atendimentos relacionados à Ouvidoria, 545 (75%) geraram processos por terem assuntos relacionados aos veículos da EBC. As outras 183 (25%) manifestações foram respondidas aos usuários sem abertura de processo, são classificadas como “diversos” por não se referirem a assuntos pertinentes à EBC.

Percentual de atendimentos por relevância



FONTE: NAMBI – OUVIDORIA/EBC

As 545 manifestações que geraram processos distribuem-se, entre os veículos, conforme demonstrado abaixo:

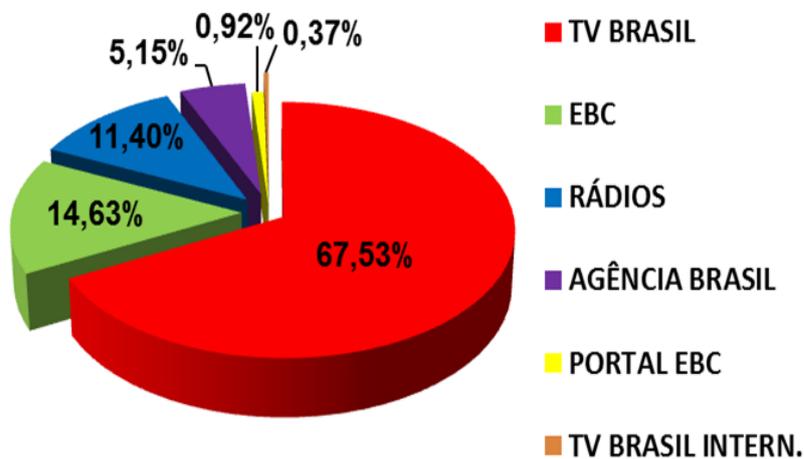
Manifestações por veículo

FEVEREIRO							
Veículo	Reclamação	Elogio	Sugestão	Comentário	Serviço	Pedido de Informação	Total
AGÊNCIA BRASIL	9	0	2	0	13	4	28
EBC	3	1	4	0	70	2	80
PORTAL DA EBC	2	0	0	0	2	1	5
Rádios	17	9	2	2	26	7	63
TV BRASIL	79	55	40	14	111	68	367
TV BRASIL INTERNACIONAL	0	0	0	0	1	1	2
TOTAL	110	65	48	16	223	83	545

FONTE: NAMBI – OUVIDORIA/EBC

O gráfico abaixo demonstra o percentual de manifestações de acordo com a distribuição entre os veículos:

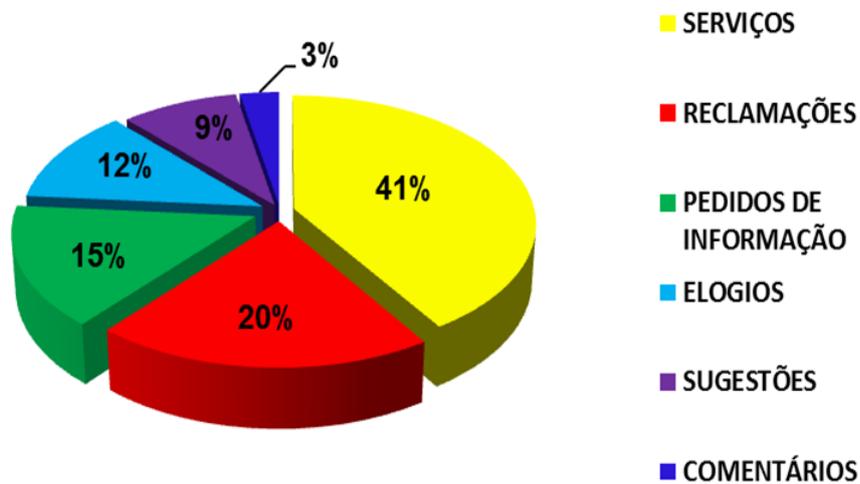
Percentual de manifestações por veículo



FONTE: NAMBI – OUVIDORIA/EBC

Os elogios, sugestões, comentários, pedidos de informação e serviços totalizam 80% dos atendimentos no período, contra 20% das reclamações.

Percentual das manifestações por categorias



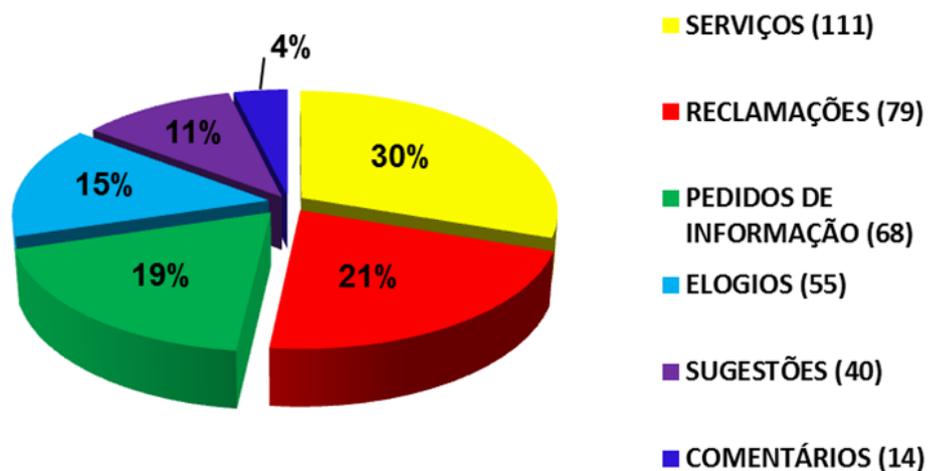
FONTE: NAMBI – OUVIDORIA/EBC

Quantitativo de atendimentos por veículo

TV Brasil

A Ouvidoria recebeu em fevereiro 367 manifestações direcionadas à TV Brasil. O gráfico a seguir mostra a distribuição dos tipos de manifestações e as respectivas porcentagens.

Percentual por tipos de manifestações

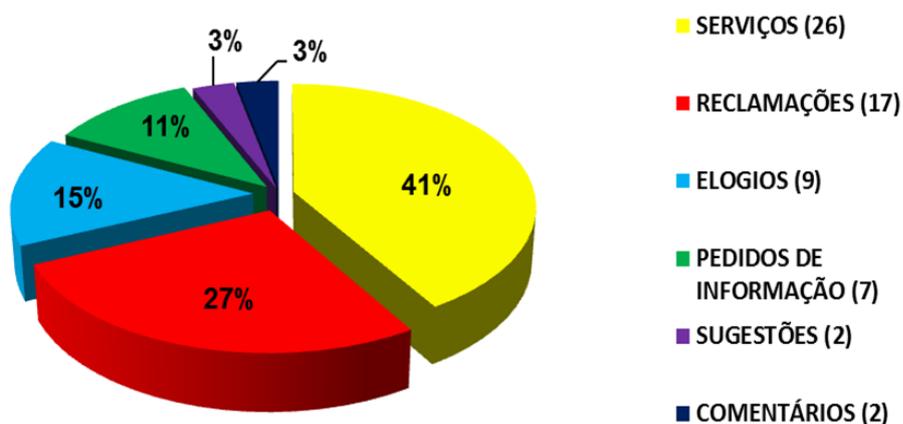


FONTE: NAMBI – OUVIDORIA/EBC

Sistema de Rádios

A Ouvidoria recebeu em fevereiro 63 manifestações dirigidas às rádios. O gráfico a seguir mostra a distribuição dos tipos de manifestações e as respectivas porcentagens.

Percentual por tipos de manifestações



FONTE: NAMBI – OUVIDORIA/EBC

Distribuição de demandas por emissora de rádio

FEVEREIRO							
Veículo	Reclamação	Elogio	Sugestão	Comentário	Serviço	Pedido de	Total
RADIOAGÊNCIA NACIONAL	3	0	0	0	2	1	6
RÁDIO MEC AM – BRASÍLIA	0	0	0	0	0	0	0
RÁDIO MEC AM - RIO DE JANEIRO	2	1	1	0	2	0	6
RÁDIO MEC FM - RIO DE JANEIRO	8	6	0	0	2	3	19
RÁDIO NACIONAL DA AMAZÔNIA -	1	1	0	0	13	1	16
RÁDIO NACIONAL DE BRASÍLIA - AM	1	0	0	1	1	1	4
RÁDIO NACIONAL DO ALTO	0	0	0	0	1	0	1
RÁDIO NACIONAL DO RIO DE	0	1	1	1	1	0	4
RÁDIO NACIONAL FM BRASÍLIA	2	0	0	0	4	1	7
Total	17	9	2	2	26	7	63

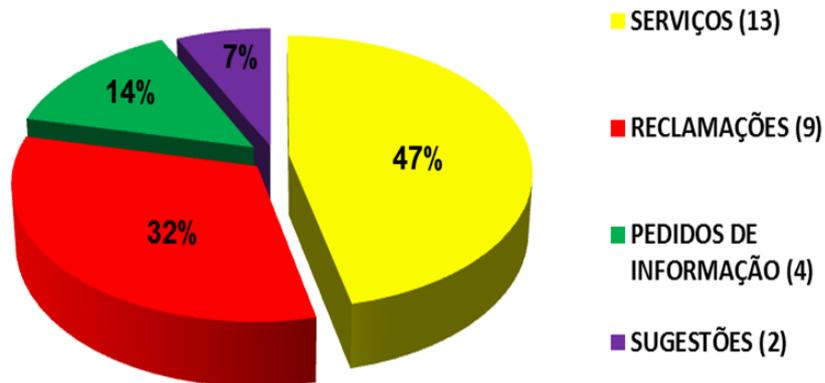
FONTE: NAMBI- OUVIDORIA/EBC

Em fevereiro, as rádios com maior quantidade de demandas são a MEC FM Rio de Janeiro (30,15%) e Nacional da Amazônia OC (25,40%). As demais rádios representam (44,45%) do número de demandas recebidas.

Agência Brasil

A Ouvidoria recebeu em fevereiro 28 manifestações referentes à Agência Brasil. O gráfico a seguir mostra a distribuição dos tipos de manifestações e as respectivas porcentagens.

Percentual por tipos de manifestações

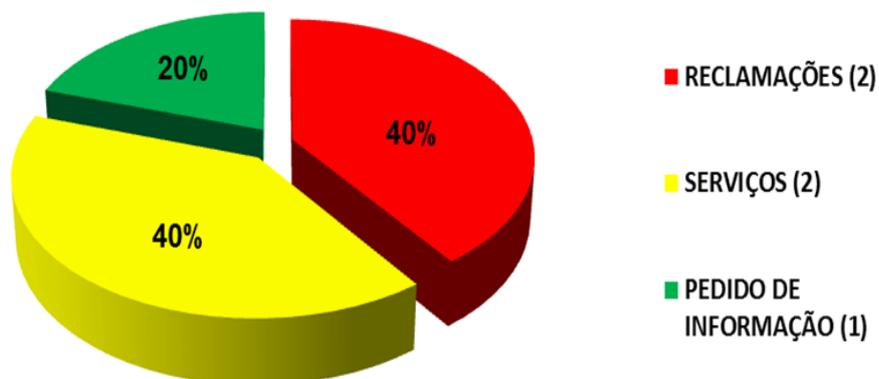


FONTE: NAMBI- OUVIDORIA/EBC

Portal EBC

A Ouvidoria recebeu em fevereiro 5 manifestações direcionadas ao Portal da EBC. O gráfico a seguir mostra a distribuição dos tipos de manifestações e as respectivas porcentagens.

Tipos de manifestações

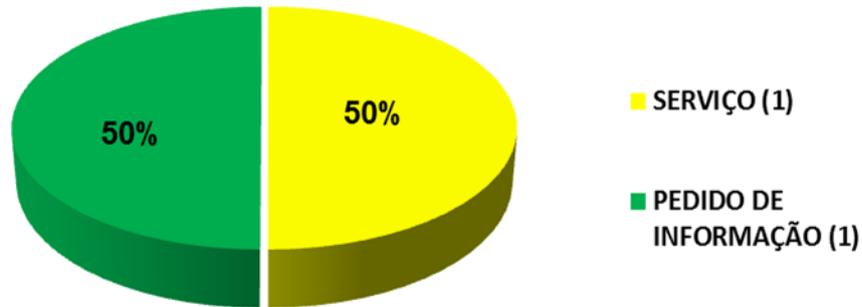


FONTE: NAMBI- OUVIDORIA/EBC

TV Brasil Internacional

A Ouvidoria recebeu em fevereiro 2 manifestações direcionada à TV Brasil Internacional. O gráfico a seguir mostra a distribuição dos tipos de manifestações e as respectivas porcentagens.

Tipo de manifestação

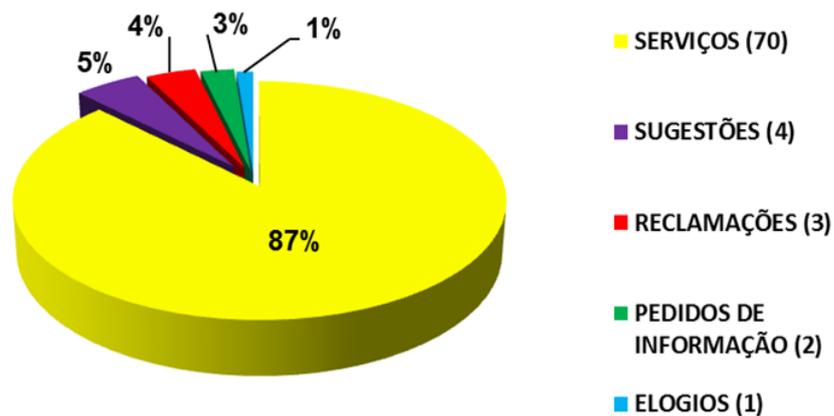


FONTE: NAMBI- OUVIDORIA/EBC

Empresa Brasil de Comunicação – EBC

A Ouvidoria recebeu em fevereiro 80 manifestações referentes à Empresa Brasil de Comunicação – EBC, que seriam adequadamente direcionados a um atendimento do tipo 0800 ou “fale conosco”; não são atendimentos característicos de Ouvidoria. O gráfico a seguir mostra a distribuição dos tipos de manifestações e as respectivas porcentagens.

Tipos de manifestações



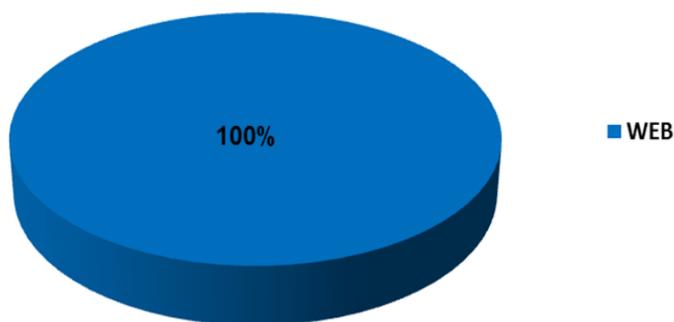
FONTE: NAMBI- OUVIDORIA/EBC

Serviço de Informação ao Cidadão - SIC

SIC em números

O SIC registrou em fevereiro 16 pedidos de informação. Todas as mensagens foram recebidas via *web* (e-SIC).

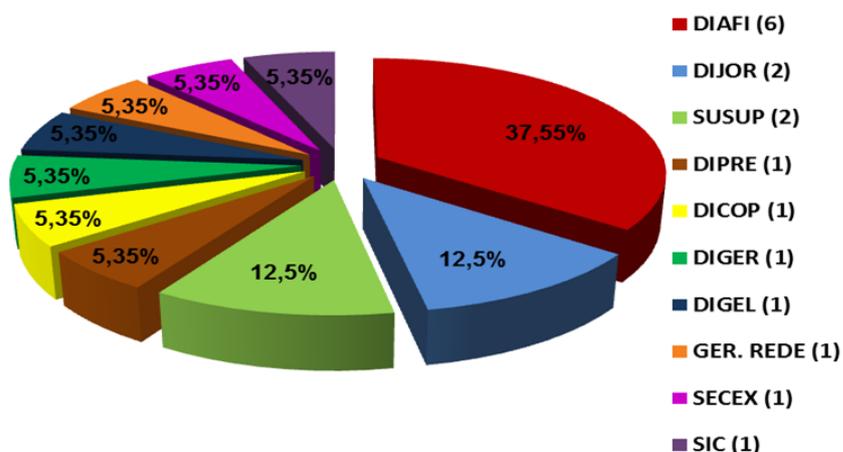
Pedidos de Informações por Meio de Acesso



FONTE: E-SIC – OUVIDORIA/EBC

Os pedidos de informação e recursos registrados em fevereiro são apresentados a seguir por área de competência, em dados absolutos e percentuais. Alguns pedidos foram enviados para diferentes áreas.

Pedidos de informações por área de competência



FONTE: E-SIC – OUVIDORIA/EBC

Em conformidade com o que estabelece a Norma 104 da Ouvidoria/EBC e a Portaria Presidente - 185-A/2012 de 24/05/2012 as áreas têm 5 dias úteis para resposta. A Lei de Acesso à Informação Nº 12.527 de 07 de Novembro de 2011 estabelece o prazo de 20 dias, prorrogáveis por mais 10 dias.